



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS**

**UM ESTUDO SOBRE AS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NO
PORTUGUÊS**

KARINA FÁTIMA DE SOUZA

**Três Lagoas – MS
2014**

KARINA FÁTIMA DE SOUZA

**UM ESTUDO SOBRE AS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NO
PORTUGUÊS**

**Três Lagoas – MS
2014**

KARINA FÁTIMA DE SOUZA

UM ESTUDO SOBRE AS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NO PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação – Mestrado em Letras/CPTL/UFMS – Área de Concentração Estudos Linguísticos, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira.

**Três Lagoas – MS
2014**

TERMO DE APROVAÇÃO

KARINA FÁTIMA DE SOUZA

UM ESTUDO SOBRE AS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NO PORTUGUÊS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Curso de Pós-graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Três Lagoas, pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª Dr^ª Taísa Peres de Oliveira - UFMS

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio - UEM

Prof^ª Dr^ª Joceli Catarina Stassi Se - UFMS

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza – UNESP

Três Lagoas,.....de.....de.....2014

DEDICATÓRIA

Ao Luciano, por sua presença constante em minha vida.

AGRADECIMENTOS

- À minha orientadora, Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, pelo conhecimento compartilhado, pela competência, pela paciência, por ter acreditado em mim.
- A CAPES/Reuni, pelo apoio financeiro.
- Ao Programa de Pós - Graduação, Mestrado em Letras, campus de Três Lagoas.
- Aos meus professores da graduação, e da pós – graduação.
- Aos meus colegas da pós-graduação, pelas conversas, por compartilhar as alegrias e os desespos dessa caminhada.
- Aos meus pais Américo e Teresinha, pela torcida, pelas preocupações, pelo amor e principalmente por entenderem minha ausência em muitos momentos;
- Às minhas irmãs Katia e Karla, meu irmãozinho Lucas, aos meus sobrinhos Talita, Thaís, Marcelo, Bruno, Rodrigo e Pedro, pelo incentivo e amor.
- À tia Maria e ao tio Geraldo, e à minha prima querida Rosângela e ao meu primo Steve, pelo incentivo constante, desde o meu primeiro dia na graduação até hoje, sempre preocupados. Obrigada por tanto amor.
- Aos meus amigos, que são mais que amigos, são meus irmãos, Jaqueline, Piva, Juliana (Jujuba), Gis, Simão, Elder, Larissa, Mie. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, tornando essa caminhada menos dolorida. Amo vocês!!!
- Aos meus sogros Adão e Tereza, meus cunhados Vanderlei, Rosimeire, Vaine, Odair, meus sobrinhos Ana Carolina, Breno e Bruno, pela torcida.
- A toda minha grande família agradeço pela confiança e pela torcida de sempre.
- Por fim, e não menos importante, ao Luciano, para mim Dente, por todo incentivo, paciência, sei que não foi fácil, e por todo amor. Sem você essa caminhada teria sido muito mais difícil.
- A todos que colaboraram direta ou indiretamente para que esse trabalho pudesse ser realizado, obrigada!!!

RESUMO

Sabe-se que as orações consecutivas tem recebido pouca atenção no que diz respeito à análise dessas construções. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo analisar as orações consecutivas no português, não só no que se refere à sintaxe, mas analisando também a semântica, a fim de verificar de que forma essas orações se articulam com a oração principal, buscando na língua em uso os fatos que motivam essas construções. Para tanto, é preciso uma abordagem que contemple tais aspectos em sua análise. Diante disso, o paradigma funcionalista se mostra adequada para este trabalho, pois, essa teoria entende a linguagem como instrumento de interação verbal, que busca no contexto discursivo os fatos que motivam as expressões linguísticas. Com isso, o trabalho se baseará nos pressupostos teóricos dos autores como: Halliday (2004), Dik (1989; 1997), Thompson e Longacre (1985), Matthiessen e Thompson (1988), Kortmann (2001), Neves (1997, 2011), Lehmann (1988), entre outros. Com base nesses pressupostos, foram selecionados para este trabalho dados do português dos séculos XIX e XX, coletados do banco de dados Corpus do Português (www.corpusdoportuguês.org). Assim, foram coletados dados das orações consecutivas introduzidas pelos seguintes conectivos: **de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, de tal forma que, de tal maneira que, de tal modo que, tal...que, tanto...que e tão...que**, dos quais foram analisados os seguintes parâmetros semânticos e morfossintáticos, a saber: **Tipo de Entidade, Referência Temporal, Posição, Correferencialidade do Sujeito e Forma Verbal**. Com base na análise dos dados, por meio dos parâmetros, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa. Procurou-se com essa análise entender de que forma essas orações se articulam, verificando o grau de interdependência dessas construções e como a combinação delas reflete na organização discursiva. Espera-se, assim, que este trabalho ofereça uma descrição mais completa das orações consecutivas.

PALAVRAS-CHAVE: orações consecutivas, funcionalismo, integração de orações.

ABSTRACT

It is known that the consecutive clauses have received little attention as regards to the analysis of these constructions. Keeping this in view, the present study aims to analyze the consecutive clauses in Portuguese, not only in regard to syntax, but also analyzing the semantics, in order to verify how these clauses are articulated with the main clause, seeking to use the language in the facts underlying those constructions. To do so, we need a theory that addresses these aspects in his analysis. Therefore, the functionalist theory is adequate for this work, therefore, this theory considers language as an instrument of verbal interaction, and search the discursive context facts that motivate linguistic expressions. With this, the work will be based on the theoretical principles of authors like: Halliday (2004), Dik (1989; 1997), Thompson e Longacre (1985), Matthiessen e Thompson (1988), Kortmann (2001), Neves (1997, 2011), Lehmann (1988). Based on these assumptions, was selected for this study data from the Portuguese XX and XIX centuries, which were collected from the database Corpus do Português (www.corpusdoportuguês.org). Thus, data were collected from consecutive clauses introduced by the following connectives: **de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, de tal forma que, de tal maneira que, de tal modo que, tal...que, tanto...que e tão...que**, of which the following parameters were analyzed semantic and morphosyntactic, namely: **Entity Type, Temporal Reference, Position, Co-Reference of the Subject and Verbal Form**. Based on the analysis of the data using the parameters we performed a quantitative analysis and qualitative. It was sought to understand with this analysis how these clauses are articulated by checking the degree of interdependence of these constructions and how their combination reflects the discursive organization. It is expected, therefore, that this work provides a more complete description of consecutive clauses.

KEY-WORDS: consecutive clauses; functionalism; clauses integration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Modelo de interação verbal – Dik, 1989. (NEVES, 1997)	06
Figura 02 – Contínua da articulação de orações (Lehmann, 1988, 217).	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Tipos básicos da oração complexa segundo Halliday (2004).	32
Quadro 02: Total dos dados por conectivo.	42
Quadro 03: Orações consecutivas sem antecedente.	44
Quadro 04: Orações consecutivas com antecedente.	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tipo de Entidade – de forma que	45
Tabela 02 – Referência Temporal – de forma que	46
Tabela 03 – Posição – de forma que	47
Tabela 04 – Correferencialidade do Sujeito – de forma que	49
Tabela 05 – Forma Verbal – de forma que	50
Tabela 06: Tipo de Entidade – de maneira que	50
Tabela 07 – Referência Temporal – de maneira que	51
Tabela 08 – Posição – de maneira que	52
Tabela 09 – Correferencialidade do Sujeito – de maneira que	52
Tabela 10 – Forma Verbal – de maneira que	53
Tabela 11 – Tipo de Entidade – de modo que	54
Tabela 12 – Referência Temporal – de modo que	55
Tabela 13 – Posição – de modo que	55
Tabela 14 – Correferencialidade do Sujeito – de modo que	56
Tabela 15 – Forma Verbal – de modo que	57
Tabela 16 – Tipo de Entidade – de sorte que	58
Tabela 17 – Referência Temporal – de sorte que	58
Tabela 18 – Posição – de sorte que	59
Tabela 19 – Correferencialidade do Sujeito – de sorte que	60
Tabela 20 – Forma Verbal – de sorte que	61
Tabela 21 – Tipo de Entidade – de tal forma que	61
Tabela 22 – Referência Temporal – de tal forma que	62
Tabela 23 – Posição – de tal forma que	63
Tabela 24 – Correferencialidade do Sujeito – de tal forma que	63

Tabela 25 – Forma Verbal – de tal forma que	64
Tabela 26 – Tipo de Entidade – de tal maneira que	65
Tabela 27 – Referência Temporal – de tal maneira que	66
Tabela 28 – Posição – de tal maneira que	66
Tabela 29 – Correferencialidade do Sujeito – de tal maneira que	67
Tabela 30 – Forma Verbal – de tal maneira que	68
Tabela 31 – Tipo de Entidade – de tal modo que	68
Tabela 32 – Referência Temporal – de tal modo que	69
Tabela 33 – Posição – de tal modo que	70
Tabela 34 – Correferencialidade do Sujeito – de tal modo que	70
Tabela 35 – Forma Verbal – de tal modo que	71
Tabela 36 – Tipo de Entidade – tal... que	72
Tabela 37 – Referência Temporal – tal... que	73
Tabela 38 – Posição – tal... que	73
Tabela 39 – Correferencialidade do Sujeito – tal... que	74
Tabela 40 – Forma Verbal – tal... que	75
Tabela 41 – Tipo de Entidade – tanto... que	76
Tabela 42 – Referência Temporal – tanto... que	76
Tabela 43 – Posição – tanto... que	77
Tabela 44 – Correferencialidade do Sujeito – tanto... que	78
Tabela 45 – Forma Verbal – tanto... que	78
Tabela 46 – Tipo de Entidade – tão... que	79
Tabela 47 – Referência Temporal – tão... que	80
Tabela 48 – Posição – tão... que	81
Tabela 49 – Correferencialidade do Sujeito – tão... que	81

Tabela 50 – Forma Verbal – tão... que

82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1.....	3
Fundamentação Teórica: Funcionalismo	3
CAPÍTULO 2.....	9
As orações consecutivas	9
CAPÍTULO 3.....	19
As orações subordinadas adverbiais	19
3.1. A articulação das orações	29
3.2. As orações correlativas	39
CAPÍTULO 4	42
Metodologia	42
CAPÍTULO 5	44
Análise dos dados	44
5.1. Oações consecutivas subordinadas	45
5.2. Oações consecutivas correlativas	72
5.3. As orações consecutivas subordinadas e as correlativas	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é descrever as orações consecutivas no português e identificar as propriedades morfossintáticas e semânticas desse tipo oracional, ainda pouco estudado no português.

Tendo em vista que o objetivo principal do trabalho é identificar essas propriedades, buscando no contexto a motivação para a construção desse tipo de oração, é necessário uma teoria que contemple a análise desses elementos integradamente. Diante disso, a teoria funcionalista se mostra adequada para o presente trabalho, já que essa é uma abordagem que entende a linguagem como um instrumento de interação verbal e por isso utiliza o contexto discursivo para analisar a motivação dos fatos linguísticos. Com isso, o trabalho se baseará nos pressupostos teóricos de autores como: Halliday (2004), Dik (1989; 1997), Thompson e Longacre (1985), Matthiessen e Thompson (1988), Kortmann (2001), Neves (1997, 2011), Lehmann (1988), entre outros.

A análise do trabalho se baseia em parâmetros morfossintáticos e semânticos. Os parâmetros semânticos são **Tipo de Entidade e Referência Temporal**, e os parâmetros morfossintáticos são **Posição, Correferencialidade do Sujeito e a Forma Verbal**. Para essa dissertação foram considerados textos escritos, textos de língua falada e entrevistas do português brasileiro dos séculos XIX e XX. Foram coletados dados das orações consecutivas iniciadas pelos seguintes conectivos: **de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, de tal forma que, de tal maneira que, de tal modo que, tal...que, tanto...que e tão...que**.

O presente trabalho se organiza da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresenta-se a fundamentação teórica, caracterizando o Funcionalismo, seus pressupostos teóricos e visão de língua. Em seguida, apresenta-se, de maneira breve, o percurso do funcionalismo desde o seu surgimento na Escola de Praga.

O segundo capítulo traz a caracterização das orações consecutivas, objeto do trabalho, em que são apresentadas as orações consecutivas na visão tradicional, bem como a caracterização dessas construções na visão funcionalista.

No terceiro capítulo faz-se a caracterização das orações adverbiais, em um primeiro momento, de acordo com a visão funcionalista. Esse capítulo se divide em duas subseções. A subseção sobre articulação de orações expõe os conceitos sobre articulação de orações do ponto de vista da Gramática Tradicional, bem como na visão

funcionalista. A segunda subseção apresenta as orações correlativas, consideradas como um terceiro tipo de articulação de oração.

No capítulo quarto apresenta-se a metodologia que norteará o trabalho, na qual se exhibe o banco de dados que forneceu o córpus para a análise, bem como demonstrase os parâmetros utilizados na análise.

No quinto capítulo têm-se a análise dos dados coletados conforme os parâmetros arrolados na metodologia. A análise é dividida em três subseções: a primeira subseção apresenta os resultados das orações consecutivas subordinadas; na segunda subseção estão as orações consecutivas correlativas. Por último, uma subseção em que se comparam os dois tipos de oração consecutiva, as subordinadas e as correlativas.

Por fim, nas considerações finais, apresentam-se os resultados relevantes que foram observados durante a análise.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

FUNCIONALISMO

Este trabalho traz como fundamentação teórica o Funcionalismo, e se baseará nos pressupostos de autores como Halliday (1985), Dik (1989; 1997), Matthiessen e Thompson (1988) e Lehmann (1988), Pérez Quintero (1998), entre outros, visto que o objetivo do trabalho é trazer uma análise das orações consecutivas levando-se em conta não só os aspectos morfossintáticos, mas também aspectos semânticos.

A caracterização das teorias funcionalistas, entretanto, não é fácil, tendo em vista as várias correntes e modelos diferentes dessa abordagem. No entanto, apesar das diferenças, existe um denominador comum que pode ser rastreado nos diferentes modelos existentes.

Butler (2003) afirma que o termo funcionalismo é utilizado para rotular diversas teorias linguísticas que se opõem ao formalismo. Segundo o autor, para os funcionalistas o ponto principal é a visão de língua como instrumento de interação entre os seres humanos. Além disso, Butler (2003) diz que sendo a principal característica do funcionalismo a língua como comunicação, é necessário que seja central a relação entre padronização linguística e contexto de uso, pois, as escolhas linguísticas são feitas de acordo com os fatores contextuais.

Em Butler e Hengeveld (19--), está a afirmação de que o princípio básico do funcionalismo é de que a função primordial da língua é atuar como um sistema de comunicação entre os seres humanos, e este fato é fundamental para explicar porque as línguas assumem determinadas formas. De acordo com os autores

¹O princípio fundamental do funcionalismo, a partir do qual todos os outros, em última análise, derivam, é que a função primordial da linguagem é a de atuar como um sistema de comunicação entre os seres humanos, e que este fato é fundamental para explicar por que as línguas assumem as formas que eles fazem, e devem ser tidas em conta no modelo da linguagem¹.

¹ The fundamental principle of functionalism, from which all others ultimately derive, is that the primary function of language is to act as a system for communication between human beings, and that this fact is crucial in explaining why languages take the forms they do, and must be taken into account in modelling language.

Para Foley e Van Valin (1984 *apud* BUTLER, 2003) a concepção funcionalista de comunicação não está restrita apenas ao sentido de transmitir informação, mas sim a tudo que envolve eventos de fala que ocorrem na sociedade humana, ou seja, nisto está envolvido o fato de como os falantes criam e mantêm relações sociais.

No que diz respeito aos diferentes modelos funcionalistas, Nichols (1984 *apud* NEVES, 1997) diz que os modelos funcionalistas podem ser divididos em três vertentes: existe um funcionalismo mais conservador, um mais extremado e um moderado. O funcionalismo conservador somente aponta a inadequação do formalismo (ou estruturalismo), porém, não propõe uma análise da estrutura. Nesse modelo “conservador”, tem-se o funcionalismo de Susumo Kuno. O modelo moderado aponta as inadequações, e também propõe uma análise da estrutura, do ponto de vista funcionalista. Nesse tipo se enquadram o funcionalismo de Dik e Halliday, e para esse modelo deve ser dada ênfase à semântica e à pragmática, sem desconsiderar a importância da noção de estrutura da língua. Por fim, o funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura, considerando não haver restrições sintáticas, pois as regras estão baseadas internamente na função. O funcionalismo de Thompson, Hopper e Givón é considerado extremo, pois nega a concepção de língua como sistema estrutural, defendendo a visão de que a gramática pode ser reduzida ao discurso.

Para Neves (1997), toda abordagem funcionalista de uma língua têm como questão principal a verificação de como se estabelece a comunicação com essa língua, de que forma os usuários se comunicam eficientemente. De acordo com Neves (2007), de maneira geral “o funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão” (p.17).

Resumidamente, então, o funcionalismo é uma abordagem que busca no contexto discursivo os fatos que motivam as expressões linguísticas. O funcionalismo não é uma teoria do uso, mas é no uso que essa analisa as estruturas linguísticas.

Além disso, a concepção de língua no funcionalismo é de que esta tem uma natureza social, pois, estabelece a comunicação entre os indivíduos. Na concepção de língua como instrumento de interação verbal, a linguagem é vista como não arbitrária, já que é motivada e icônica, ou seja, a linguagem é maleável, estando sujeita às pressões da comunicação.

Outra questão importante na teoria funcionalista é a não autonomia da sintaxe, isto é, nessa linha a sintaxe, a semântica e a pragmática são vistas como componentes

integrados, em que a pragmática influencia a semântica, e as duas juntas influenciam a sintaxe. Para Givón (1984 *apud* NEVES,1997) isso significa que a gramática é estruturada internamente, e dentro dela subsistemas se relacionam e se organizam de maneira hierárquica. Com isso, a sintaxe representa a codificação da semântica e da pragmática. Para o autor, por exemplo, uma oração que apresenta apenas informação semântica e não pragmática não existe no processo comunicativo.

A partir dessas considerações, apresentaremos, de maneira breve, o percurso do funcionalismo desde seu surgimento na Escola de Praga e seus princípios.

A visão funcionalista da linguagem está relacionada às concepções da Escola Linguística de Praga. Segundo Neves (1997, p.17)

Escola Linguística de Praga é a designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística. As frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico. Nesse sentido, o que se analisa são as frases efetivamente realizadas, para cuja interpretação se atribui especial importância ao contexto, tanto verbal como não verbal. Concebe-se que, no mesmo nível do enunciado realizado, podem encontrar-se regularidades que licenciam tentativas de organização e de descrição.

Ainda de acordo com a autora, a abordagem da Escola de Praga pode ser caracterizada como um estruturalismo funcional, pois a língua é um sistema funcional, em que o estrutural (sistêmico) e o funcional aparecem lado a lado. Diante disso, uma análise funcional da linguagem se preocupa não só com aspectos internos da língua, mas também com os aspectos extralinguísticos. Em outras palavras, uma gramática funcional

tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico. Essa visão é a que se encontra, desde o começo do século, na Escola Linguística de Praga (NEVES, 1997, p.16).

Isso significa que a estrutura da gramática é dependente dos usos da língua, o que quer dizer que são as pressões da situação comunicativa que irão moldar a estrutura.

No paradigma funcional, o primeiro ponto na concepção de língua é que, como afirma Dik (1989; 1997 *apud* NEVES, 1997), essa serve como um instrumento de interação verbal, cujo objetivo principal é o de estabelecer a comunicação entre os

usuários. Tendo em vista que para o funcionalismo a língua é entendida como um instrumento de interação verbal que estabelece a comunicação entre os usuários, Dik (1989) estabelece um modelo de interação verbal, como se vê a seguir:

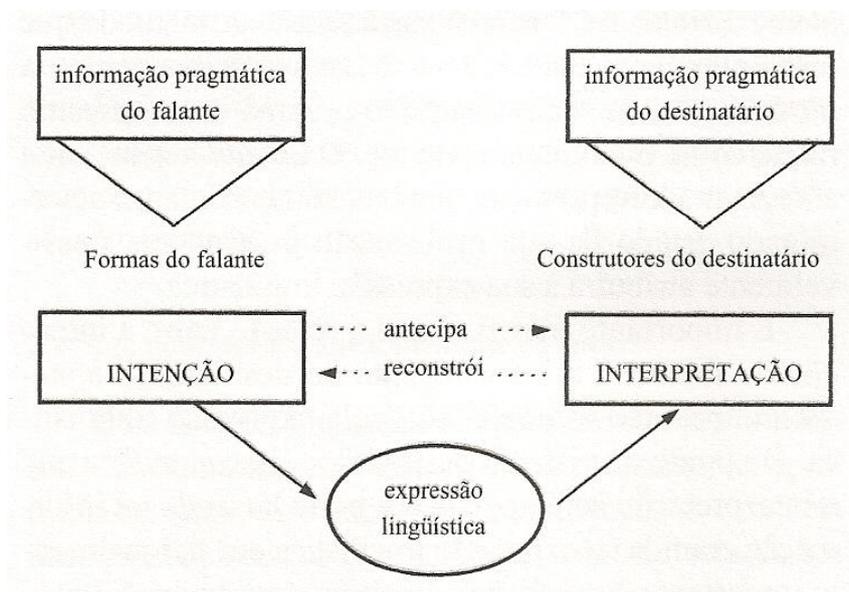


Figura 01 – Modelo de interação verbal – Dik, 1989. (NEVES, 1997)

No modelo de interação verbal proposto por Dik, a expressão linguística é o centro da comunicação. Assim, a expressão linguística é função da intenção do falante, da informação pragmática deste e da antecipação que o falante faz da interpretação do destinatário. Por outro lado, a interpretação do destinatário é função da expressão linguística, da informação pragmática deste e da consideração do destinatário sobre a intenção comunicativa do falante. Em todos os momentos da interação verbal, tanto falante quanto destinatário possui informação pragmática, e a expressão linguística intermedia a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário. Para Dik (1989;1997 *apud* NEVES, 1997) a interação verbal constitui-se como uma atividade cooperativa e estruturada, pois, ela é governada por regras e convenções, por isso estruturada, e para que seja estabelecida necessita de pelo menos dois participantes, por isso cooperativa. Para o autor, então, a linguística deve se preocupar com dois tipos de sistemas de regras, as regras que governam a construção das expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as regras que governam os padrões de interação verbal (regras pragmáticas).

Outro ponto do paradigma funcionalista é o que diz respeito à sistematicidade e a funcionalidade da língua. Mackenzie (1992 *apud* NEVES, 1997, p.22) afirma que

[...] a gramática funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não-arbitrária entre instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Em outras palavras, a gramática funcional visa explicar regularidades dentro das línguas e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do uso da língua.

Em outros termos, é possível encontrar aspectos funcionais quando se estuda a sistematicidade da língua, e são esses aspectos que entram em consideração na análise funcionalista, pois, nesse paradigma, não basta apenas considerar a estrutura, é preciso que se tenha uma descrição que faça referência aos fatores que desempenham papel fundamental no processo de interação, o falante, o ouvinte e a situação comunicativa como um todo.

Característica de suma importância dentro de qualquer paradigma funcionalista é a integração dos componentes. Segundo Dik (1989; 1997 *apud* NEVES, 1997), a gramática funcional constitui-se como uma teoria de componentes que se integram, isto é, tem-se uma teoria da sintaxe e da semântica em que ambas só podem ter um desenvolvimento adequado se integradas a uma teoria pragmática. Nesse sentido, na constituição da expressão linguística, a sintaxe não é autônoma, pois é preciso que se inclua uma descrição semântica e pragmática. Para Dik (1989;1997, *apud* NEVES, 1997), a expressão linguística é organizada a partir de três tipos de funções que são: as funções semânticas como Agente, Meta, Receptor etc.; as funções sintáticas referentes ao Sujeito e Objeto e, as funções pragmáticas de Tópico, Foco, entre outras.

Na gramática funcional, o nível discursivo é um fator relevante de estudo da língua, visto que é possível admitir uma relação entre discurso e gramática. Exemplo disso é a questão referente à transitividade e ao relevo discursivo.

Hopper e Thompson (1980) demonstram que os fatores discursivos podem interferir na transitividade, no que se refere às partes do texto como figura e fundo. Para os autores o grau de transitividade vai refletir a forma como o falante estrutura seu discurso para cumprir seus objetivos comunicativos.

Com base no que foi apresentado sobre os princípios do paradigma funcionalista, o trabalho trará para a análise alguns pressupostos da teoria. Assim, o trabalho não será pautado em um modelo funcionalista específico, mas trará seus

conceitos de maneira mais geral. Sendo assim, o trabalho se pautará nessa premissa, analisando as orações consecutivas em relação aos seus aspectos morfossintáticos e semânticos. Além disso, os dados coletados são ocorrências da língua em uso, são resultados do processo de interação verbal, em que falante e ouvinte tem intenções e expectativas.

Com isso, partimos para a segunda parte do trabalho, na qual apresentaremos as orações consecutivas.

CAPÍTULO 2: AS ORAÇÕES CONSECUTIVAS

As orações consecutivas são tradicionalmente definidas, segundo Cunha e Cintra (2008), como orações que: iniciam uma oração em que se apresenta a consequência do fato que foi declarado na oração anterior (oração principal). Essas orações são iniciadas pela conjunção **que** (que pode ser combinada com as palavras **tal**, **tanto**, **tão** ou **tamanho**), **de (tal) forma que**, **de (tal) maneira que**, **de (tal) modo que**, **de (tal) sorte que**. Os exemplos, a seguir, ilustram essas orações:

(1) Foi **tão** ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça (C. dos Anjos, DR, 108) – (CUNHA E CINTRA, 2008).

(2) Deu um filão de **tal** sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme (M. Torga, CM, 191) (CUNHA E CINTRA, 2008).

(3) O frio é **tanto**, é **tamanho que** a pena cai-me da mão (A. Gil, LJ, 143) (CUNHA E CINTRA, 2008).

(4) Felixhimino, como bom financeiro que era, possuía qualidades harpagonescas de economia e poupança, **de forma que** se zangava muito com aquelas despesas de chá e biscoitos (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...)

(5) A fase de combate vai exigir um es-forço maior, **de maneira que** providenciei um aumento do efetivo no comandamento da operação. (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(6) Na constituinte, todos esperavam ficar na " situação ", **de modo que** o artigo acima foi aprovado unanimemente. (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...)

(7) Não havia um serviço de fornecimento organizado, **de sorte que** numa base de operações provisória, presa ao litoral por uma estrada de ferro, foi impossível conseguir-se um depósito de víveres. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoes)

(8) Uma primeira leitura do roteiro poderia indicar que ela é uma prostituta que encontra um cara rígido, moralista e o perturba **de tal forma que** ele tem de matá-la. (19Or:Br:Intrv:ISP)

(9) Vou cada vez melhor nos estudos. Concentrei-me neles **de tal maneira que** hoje leio e falo francês com extrema facilidade. (19:Fic:Br:Olinto:Tempo)

(10) Elas se entusiasmam **de tal modo que** esquecem todas as conveniências. (19:Fic:Br:Barreto:Urbana)

Como se pode observar nos exemplos acima, as orações consecutivas expressam uma consequência da causa declarada na oração principal. É possível perceber a relação de causa e consequência nessas orações, como no exemplo (1), que o fato de ‘Jandira

achar graça' é elaborado como sendo consequência do fato ' a saída ter sido tão ágil e rápida'. O mesmo se nota no exemplo (5), em que 'providenciar um efetivo maior' é consequência do fato de que 'essa fase do combate irá exigir mais esforço'. No último exemplo (10), a consequência de ' esquecerem as conveniências' se relacionada ao fato de 'tal entusiasmo'.

Do ponto de vista do funcionalismo, Neves (2011) define as construções consecutivas da seguinte maneira: a oração consecutiva é constituída por uma oração nuclear e uma consecutiva, e sua construção pode ser de dois tipos: a construção **com antecedente** e construção **sem antecedente**. As construções do primeiro tipo são correlativas, na qual a oração principal apresenta a intensificação do estado de coisas como um todo, e a intensificação ou quantificação de um dos elementos. E a segunda oração, correlativa expressa a consequência do estado de coisas ou do elemento intensificado na oração anterior. Nessa construção com antecedente, a oração consecutiva pode ser introduzida pela conjunção **que** tendo como antecedentes os intensificadores **tão, tanto, tal**, etc. É o que se exemplifica, a seguir:

(11) É **tão** perfeito **que** sabemos tudo sobre ele (B). (NEVES, 2011)

A oração principal apresenta o intensificador "*tão*", seguido do quantificador (adjetivo) "*perfeito*", e a consequência "*que sabemos tudo sobre ele*". De acordo com a autora, o intensificador que vem antes da oração consecutiva pode funcionar não somente dentro da predicação da oração núcleo, mas pode funcionar externamente à predicação da nuclear, como se vê no exemplo dado por Neves (2011):

(12) Bem, isto foi depois, porque ela demorou a concordar, **tanto que** imaginei: nem acredito, estou diante de uma virgem? (BE)

No exemplo, a oração nuclear em relação à consecutiva é "ela demorou a acordar", e a oração consecutiva com o intensificador é "tanto que imaginei, nem acredito, estou diante de uma virgem?". Neves afirma que essa exterioridade se confirma, pois, nesse caso, a oração consecutiva pode constituir um enunciado independente.

O exemplo abaixo mostra a oração consecutiva correlativa com o antecedente **tal**, como se vê:

(13) Foi imposto um **tal** estado de terror ao aposentado, **que** todos pensam que estão sendo roubados. (19Or:Br:Intrv:Pov)

No exemplo acima, a oração nuclear apresenta o intensificador “tal”, que intensifica o estado de coisas “*tal estado de terror ao aposentado*” e a consequência “*que todos pensam que estão sendo roubados*”.

No exemplo a seguir, a oração principal apresenta o quantificador **tanto**, quantificando o substantivo “*sigilo*”, e a segunda oração apresenta a consequência da quantificação da oração principal, como se vê:

(14) O sigilo é **tanto que** vemos essa briga no Paraná. (19Or:Br:Intrv:ISP)

As orações do segundo tipo, sem antecedentes, são iniciadas por locuções conjuntivas: **de (tal) modo que**, **de (tal) maneira que**, **de (tal) sorte que**, etc. Essas orações exprimem um resultado. Como no exemplo:

(15) Vamos mobilizar o povo para o desenvolvimento, **de modo que** ele tenha plena consciência da sua missão (AC). (NEVES, 2011).

Nessa construção tem-se um evento expresso na oração principal “*Vamos mobilizar o povo para o desenvolvimento*”, que apresenta um resultado, ou efeito, descrito na oração consecutiva “*de modo que tenha plena consciência da sua missão*”.

No exemplo a seguir, a oração consecutiva sem antecedente traz na oração principal um fato e a segunda oração expressa o resultado desse fato, como se pode observar:

(16) O Daily News sugere que se mude o calendário **de maneira que** todos os feriados caiam eternamente nos mesmos dias da semana. (CV) (NEVES, 2011)

Nesse exemplo, o fato expresso na oração principal é “*O Daily News sugere que se mude o calendário*” e a consequência, resultado, desse fato apresentado na

consecutiva é “*de maneira que todos os feriados caíam eternamente nos mesmos dias da semana*”. Diferentemente das orações consecutivas com antecedente, as orações consecutivas sem antecedente não apresentam um intensificador da consequência na oração principal, a causa é dada na oração nuclear.

O exemplo a seguir demonstra a construção da oração consecutiva sem antecedente, na qual a oração consecutiva apresenta o resultado do fato descrito na oração principal, como se vê:

(17) A gripe tinha-se assenhoreado de mim, **de tal maneira que** eu não podia conciliar o sono, emagrecendo a olhos vistos. (FR) (NEVES, 2011)

No exemplo, o fato de não poder conciliar seu sono “*de tal maneira que eu não podia conciliar o sono,*” é resultado do fato de a gripe ter tomado conta dele “*A gripe tinha-se assenhoreado de mim*”.

Dessa forma, as orações consecutivas expressam o resultado ou efeito ligado a um evento expresso na oração núcleo, em geral, intensificado, ou expressam um resultado ou efeito ligado a um elemento que está na oração principal e vem intensificado.

No que diz respeito à ordem na construção consecutiva, Neves (2011) diz que as consecutivas são construídas, geralmente, em uma ordem icônica, na qual a consequência vem depois da causa, como no exemplo:

(18) E as mãos tremiam tanto (*Causa*) **que** o quepe caiu no chão (*Consequência*) (AMI) (NEVES, 2011)

Ainda conforme a autora, a consequência, como resultado ou efeito do evento, pode ser expressa também em uma coordenada, em que o elemento intensificado (causa) vem em uma coordenada posterior. Nesse caso, é possível que se tenha duas ordens diferentes, como se vê no exemplo:

(19) Há uma crença, muito generalizada e romântica, e **tão** bem configurada na poética denominação de “asas brancas” **que** diz que eles voltam às primeiras notícias de chuva, **tal** é o apego que têm à terra. (AR-O) (NEVES, 2011)

No exemplo, a primeira consecutiva tem a consequência posposta “*que diz que eles voltam às primeiras notícias de chuva*”. Na segunda consecutiva, a consequência vem anteposta à causa “*eles voltam às primeiras notícias de chuva (consequência), tal é o apego que têm à terra (causa)*”.

Para Módolo (2007), as orações consecutivas são orações correlativas, e não subordinadas, uma vez que a conexão estabelecida é diferente da conexão por subordinação. Segundo o autor o que existe é uma relação de interdependência entre as orações. A construção mais prototípica é **tanto...que**, como ilustra com o seguinte exemplo:

(20) (2-15) **Tanto** o incentivei, **que** ele publicou o artigo. (MÓDOLO, 2007).

A oração “que ele publicou o artigo” expressa a consequência do evento apresentado na oração anterior de forma intensificada, verificada pelo “tanto”. Esse intensificador, de acordo Módolo, é o primeiro termo da correlação e, sem ele não é possível ligar a segunda oração com a primeira. Esse caso das consecutivas correlativas foi visto em Neves (2011), nos exemplos dados acima, que aponta que as consecutivas correlativas apresentam um antecedente, no caso, um intensificador ou um quantificador, como **tal**, **tanto** ou **tão**.

As orações consecutivas apresentam dois tipos de ligação sintática, subordinação e correlação. As orações consecutivas sem antecedente se encaixam na subordinação e apresentam conectores como **de maneira que**, **de modo que**, **de forma**. Como se pode observar nos exemplos, a seguir:

(21) A porta dos fundos ficava aberta para mim, **de maneira que** podia entrar e sair à vontade (CRE). (NEVES, 2011)

(22) Deu um grito, não bem um grito, um gemido **tão** alto e doloroso **que** ele mesmo acordou. (B) (NEVES, 2011)

Nos exemplos acima, o primeiro (21) é uma oração consecutiva sem antecedente, que ao contrário das orações com antecedente, não é correlativa. No primeiro exemplo é possível perceber que a oração consecutiva é dependente do sentido da primeira oração (podia entrar e sair a vontade porque a porta dos fundos estava aberta para ela). Já no segundo exemplo (22), como orações com antecedente, a oração

apresenta interdependência com relação à oração principal, o que liga uma oração à outra é o intensificador na oração principal.

Em seu estudo sobre as orações adverbiais no inglês, Pérez Quintero (1998) afirma que, em inglês, as orações consecutivas são iniciadas por conjunções típicas das orações finais. Como se vê nos exemplos:

(24) We paid immediately, so (that) he left contented. (Consecutiva) (PÉREZ QUINTERO, 1998)

Nós o pagamos imediatamente, assim ele partiu contente.

(25) We paid him immediately so (that) he would leave contented. (Final) (PÉREZ QUINTERO, 1998)

Nós o pagamos imediatamente, assim ele partiria contente.

A autora diz que a diferença entre essas duas orações, em inglês, está no fato de que as orações consecutivas são factuais e expressam um resultado que foi alcançado. Enquanto as orações finais são não-factuais e exprimem um resultado que ainda não foi alcançado.

É o que se nota a partir dos exemplos. No primeiro caso (24), o fato expresso pela oração consecutiva foi concluído, realizado “so (that) he left contented”. Por outro lado, o fato expresso na oração de finalidade, exemplo (25), não foi concluído, espera-se algo ainda, “so (that) he would leave contented”.

Além disso, a autora faz uma distinção de três tipos de consecutivas: Consequência Eventiva, Consequência Epistêmica e Consequência Verbal. As consecutivas que expressam uma consequência eventiva designam um estado de coisas que apresenta um resultado alcançado, como se pode observar no exemplo dado por Pérez Quintero:

(26) He moved a little in his chair so that he was facing Farland.

Moveu-se um pouco na cadeira de modo que estava enfrentando (encarando) Farland

Nesse exemplo é possível perceber que o estado de coisas na oração consecutiva foi concluído “so that he was facing Farland”, ele moveu a cadeira com uma intenção que foi completada, na consecutiva.

Conforme a autora, orações de Consequência Eventiva são orações com tipo de entidade de segunda ordem, designam um estado de coisas que pode ser avaliado em

termos de tempo, lugar ou frequência. Essas orações ocorrem com Referência Temporal Dependente. São factuais, visto que apresentam um resultado que foi alcançado, realizado. E são orações não pressupostas.

Já as orações que expressam uma Consequência Epistêmica se caracterizam por designarem um conteúdo proposicional expressando um resultado em relação à oração principal. A autora demonstra no exemplo, a seguir:

(27) *She sent me to London so she could accuse me of trying to kill the old lady.*
Ela me enviou para Londres assim ela poderia me acusar de tentar matar a velha senhora.

Como se vê no exemplo, o resultado expresso na oração consecutiva “so she could accuse me of trying to kill the old lady” está ligado à causa expressa na oração principal “She sent me to London”. Na caracterização semântica dessas orações, Pérez Quintero diz que são orações com entidade de terceira ordem, sendo assim, designa uma proposição, um construto mental do falante, dependente dele. Essas orações são factuais, apresentam um resultado, um evento realizado. E são orações, assim como as eventivas, não pressupostas.

Por último, as orações de Consequência Verbal designam um ato de fala em si mesmas, o que constitui um resultado em relação à oração principal, como se observa no exemplo:

(28) *And the grounds are guarded by a pair of fierce dogs, so there is no escape.*
E os motivos são guardados por um par de cães ferozes, por isso, não há como escapar.

Como se vê, a oração consecutiva expressa o resultado do fato apresentado na oração principal “And the grounds are guarded by a pair of fierce dogs” resultando em “so there is no escape”. Essas orações se realizam sempre com tipo de entidade de quarta ordem, e designam um ato de fala, que pode ser avaliado em termos de informatividade. São orações factuais, tendo em vista que apresentam um fato ou evento que foi realizado, ou um resultado alcançado e são orações não pressupostas.

Em um estudo sobre as orações consecutivas no português europeu, Fonseca (1994), considera aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos e separa as orações consecutivas em três tipos. O autor a denomina de consecutiva-tipo I (exemplo 29), a consecutiva-tipo II (exemplo 30) e consecutiva-tipo III (exemplo 31). Segundo ele, as

orações do tipo III têm recebido pouca ou nenhuma atenção em descrição linguística e as orações do tipo II foram ignoradas. São desses tipos os exemplos:

(29) A mesa é tão larga *que não cabe na sala*. (FONSECA, 1994)

(30) Está tanto frio *que não devias sair de casa*. (FONSECA, 1994)

(31) O Zé é suficientemente inteligente *para resolver esse problema*. (FONSECA, 1994)

Fonseca afirma que o rótulo de subordinadas não cabe às orações consecutivas, pois, comparadas aos outros tipos, as consecutivas não preenchem uma função sintática no todo do enunciado, e também não apresentam mobilidade com relação às orações “subordinantes”, apresentando, regularmente, a posição posposta. Assim, para o autor “a inserção das consecutivas num EN (enunciado) deve ser tomada como um processo de integração de duas orações – processo esse operado tipicamente por um morfema descontínuo do género de *tão/tanto...que*” (p.8). Essas palavras ainda podem combinar com **tal, de tal forma/modo/maneira** e em condições particulares c. Conforme o autor, o exemplo (31) demonstra que o processo de integração pode ser operado pela sequência *suficientemente/suficiente para*, que podem ser alternados por outros elementos equivalentes como *o suficiente, o bastante*, ou não equivalentes como *demasiado* e *de mais*. Isso significa que, no processo de integração, as orações consecutivas também podem ser introduzidas pela preposição *para* e nesse caso podem ser intensificadas por substantivos, como os citados acima. Entretanto, como afirma o autor, esse tipo de consecutivo tem sido pouco observado.

Para o autor, o primeiro membro das palavras apresenta-se como um quantificador, que estabelece no estado de coisas uma ordem de grandeza orientada para a intensificação, que intensifica a oração como um todo. Outro traço que o autor aponta como saliente nas orações é o que envolve a correlação *causa-consequência* que conecta as orações, ele diz que essa correlação “pode ser vista em termos de *implicação*, arrastada pelo segmento que corresponde ao primeiro membro do conjunto” (p. 9). Isso quer dizer que a relação estabelecida entre as orações, a principal e a consecutiva, leva à inferência de causalidade. Numa oração do tipo “A mesa é *tão* larga *que* não cabe na sala”, existe certo traço de causalidade, de carácter instrumental, que encarece, assim, o estado de coisas presente na oração principal. Isso significa que a causalidade está presente na oração principal e isso leva a consequência, que é expressa na oração

consecutiva, estabelecendo a correlação causa (oração núcleo) – consequência (consecutiva).

Outra característica das orações consecutivas apontadas por Fonseca está no fato de essas apresentarem uma perspectiva argumentativa. Segundo o autor, o que é invocado como argumento na oração principal favorece a conclusão na oração consecutiva. Como se pode observar no exemplo:

(32) O Zé tem **tantas** preocupações **que** não consegue dormir.

No exemplo é possível notar que o argumento dado na oração principal se conclui na oração consecutiva. Isso significa que o argumento dado na primeira oração “O Zé tem **tantas** preocupações” acarreta na conclusão, na consecutiva, de que por isso “**que** não consegue dormir” Conforme Fonseca, o caráter argumentativo das consecutivas domina a oração como um todo.

Pode-se concluir, a partir das definições dos autores citados, que as orações consecutivas são construções que expressam uma consequência da causa apresentada na oração principal, apresentando a relação causa-consequência. Geralmente essa consequência vem intensificada na primeira oração por um elemento, intensificador ou quantificador, que encaminha a consequência na oração consecutiva. As orações causais também apresentam essa conexão entre causa-consequência, e segundo Neves (2011) essa relação causal está ligada a subsequência temporal da consequência em relação à causa. Diferentemente das orações consecutivas, em que a causa vem antes da consequência, nas orações causais, geralmente, a causa vem depois da consequência ou efeito, como se vê no exemplo dado por Neves (2011):

(33) Uma vez me passou um pito **porque** joguei fora o remédio (AFA) (NEVES, 2011)

No exemplo, o efeito ou consequência está presente na primeira oração “Uma vez me passou um pito” e a causa vem expressa na segunda oração “**porque** joguei fora o remédio”. É possível notar também que existe uma sequência temporal que liga o efeito expresso na oração principal à causa apresentada na causal.

Esse fato demonstra que a ordem entre causa e consequência difere nas orações. As orações consecutivas apresentam a causa antes (oração principal) seguida da

consequência (oração consecutiva). Já nas orações causais, geralmente, a causa é expressa depois da consequência ou efeito expresso na oração principal. Isto é, existe nas orações consecutivas uma relação do tipo causa-consequência, entretanto, essa relação difere daquela presente na oração causal prototípica.

A partir das definições e conceitos sobre as orações consecutivas apresentadas acima, partiremos para a apresentação dos conceitos sobre orações subordinadas adverbiais, tanto do ponto de vista tradicional quanto do ponto de vista funcionalista.

CAPÍTULO 3: AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações adverbiais são tradicionalmente classificadas como orações subordinadas que funcionam como adjunto adverbial de outra oração e que vêm introduzidas por uma conjunção subordinativa que pode ser causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva e comparativa (CUNHA & CINTRA, 2008, p.618). Assim, na visão da Gramática Tradicional, as orações subordinadas adverbiais são classificadas como simples adjuntos oracionais, dependentes da oração principal. Entretanto, os estudos de base funcionalista trazem uma visão mais ampla dessas orações, bem como do conceito de subordinação, que vai além da dicotomia entre coordenação e subordinação, presentes na visão tradicional da gramática. Primeiramente, trataremos alguns conceitos sobre oração subordinada adverbial (HALLIDAY, 2004), (KORTMANN, 2001), (MATTHIESSEN E THOMPSON, 1988) (THOMPSON E LONGACRE, 1985), (HENGEVELD, 1998), (PEREZ QUINTERO, 1998).

Conforme Neves (2001),

A visão tradicional, fixada numa sintaxe de superfície, contenta-se em apresentar um conceito de subordinação que se resolve na proposição de uma oração principal que tem um (ou mais de um) de seus termos expresso em forma oracional (oração subordinada) [...] Há algum tempo vêm os pesquisadores de orientação funcionalista desenvolvendo estudos sobre processos de constituição do enunciado, os quais mostram à exaustão que o rótulo subordinação, colocado pela tradição (e pela Nomenclatura Gramatical Brasileira) nesse grande bloco de construções complexas, não pode pretender-se configurador de um único estatuto para o bloco. (p. 13-14)

Isso significa dizer que, na visão funcionalista da linguagem, na constituição de uma oração complexa o estatuto de subordinação não é suficiente para explicitar a articulação entre uma oração principal e uma subordinada, pois existem outros processos relacionados na constituição dessas, que se dá em um *continuum*, e não como um processo fechado.

As orações consecutivas, objeto do presente estudo, se originam a partir do processo sintático de subordinação, encaixando-se assim no escopo das orações subordinadas adverbiais. No entanto, as orações consecutivas também se encaixam em um processo de articulação sintática distinto, o das orações correlativas. Sendo assim,

apresentaremos, primeiramente, os conceitos sobre orações adverbiais, em seguida, alguns conceitos sobre subordinação e articulação de orações sob o enfoque funcionalista que servirá como base para a análise das orações consecutivas.

Como aponta Kortmann (2001), as orações adverbiais são reconhecidas como uma das três principais classes de oração subordinada. Sua função gramatical é de advérbio e ela fornece informações de tempo, ou de causa, de condição, entre outras, sobre as circunstâncias descritas na oração principal. Como se vê nos exemplos dados pelo autor:

(37) They will meet...

Eles(as) se encontrarão...

(a) before the sun rises. (temporal)

Antes que o sol nasça.

(b) where they first made love to each other. (locative)

Onde eles fizeram amor pela primeira vez.

(c) because they need to find a solution. (causal)

Porque eles precisam encontrar uma solução.

(d) if we let them. (condicional)

Se nós os deixarmos / Se nós deixarmos.

De acordo com Kortmann (2001), as orações adverbiais são orações subordinadas, pois, sua ocorrência depende de outra oração, ou seja, a oração principal. Kortmann explica que nem todas as línguas marcam a distinção entre dependência e independência da mesma maneira. Por exemplo, o italiano marca orações dependentes usando o modo subjuntivo. Por outro lado, em línguas em que o verbo precede o objeto existem palavras que introduzem as orações subordinadas, como os relativizadores, que no Inglês são introduzidas por *who* (quem), *which* (qual), *that* (que); os complementalizadores por *that* (que), *whether* (se), ou por conjunções adverbiais como *when* (quando), *after* (depois), *before* (antes). Entretanto, o autor diz que esses introdutores não garantem que a oração subordinada pode ser uma relativa, complemento ou adverbial. Como se vê nos exemplos do autor (2001, p.163)

(38) He talked so fast *that* most people couldn't follow.

Ele falou tão rápido que a maioria das pessoas não conseguiu acompanhar.

(39) He said *that* most people couldn't follow.

Ele disse que a maioria das pessoas não podia acompanhar.

(40) The talk *that* most people couldn't follow was given by a colleague of mine.
A conversa que a maioria não poderia seguir foi dado por um amigo meu.

No primeiro exemplo, *that* é um subordinador adverbial, já no segundo exemplo *that* é um complementizador e no terceiro exemplo é um relativizador. Com isso, Kortmann demonstra que existem diferenças estruturais inerentes entre as três principais classes de subordinadas, e o que vai determinar sua classificação é a função que exercem dentro da oração. Ou seja, a oração complemento é parte integrante da sentença e serve como argumento do verbo; já a oração relativa qualifica o substantivo e a oração adverbial pertence à “periferia” da oração, sendo opcional, e modifica o estado de coisas como um todo.

Ainda conforme Kortmann, as orações adverbiais são classificadas com base nas relações semânticas como tempo, modo, causa, razão, resultado, entre outras, contidas no estado de coisas, ou na proposição, representados em diferentes partes da oração. Para isso, as línguas usam as orações adverbiais com seus elementos subordinantes para manter essas relações.

Além disso, as orações adverbiais podem ser usadas e interpretadas em diferentes domínios semânticos, ou em diferentes níveis do discurso. Esses domínios foram distinguidos em três por Sweetser (1990), e são: o domínio do conteúdo, domínio epistêmico e o domínio do ato de fala. No domínio do conteúdo a oração adverbial estabelece uma ligação entre dois fatos objetivamente dados, como se vê no exemplo:

(41) John came back because he loved her.
John voltou porque a amava.

No domínio epistêmico a ligação é entre um fato e uma suposição, ou crença. Como no exemplo:

(42) John loved her, because he came back.
John a amava, por isso ele voltou.

Aqui ‘John loved her’ é a conclusão do fato de ‘he came back’. E no domínio do ato de fala a oração adverbial fornece uma justificativa ou motivação para a realização do ato de fala na oração principal. No exemplo, o falante faz uma pergunta, como se vê:

(42) What are you doing tonight, because there's a good movie on.
O que você vai fazer hoje a noite, porque há um bom filme.

Kortmann (2001) diz que uma importante justificativa para a distinção entre esses domínios é que existem correlações entre eles. Em outras palavras, existe uma correlação entre o significado e o uso de subordinadores, e a forma e a posição da oração adverbial. Com relação à interpretação das orações adverbiais, o autor afirma que conhecimento de mundo e conhecimento contextual são fundamentais para a interpretação das adverbias, mas características formais como morfologia, sintaxe e prosódia, também podem influenciar no processo de interpretação. Como fatores que podem influenciar na interpretação estão a escolha do tempo ou modo verbal na oração adverbial. Por exemplo, no caso das condicionais, o tempo verbal pode distinguir entre três tipos semânticos, em algumas línguas: factual, hipotético e contrafactual. Ela será uma condicional factual se apresentar o modo indicativo, se o modo presente na condicional for subjuntivo ela será uma oração hipotética. Como se vê nos exemplos:

(43) If she comes home, I will be very happy. (Factual)
Se ele vier para casa, eu ficarei muito feliz.

(44) If she came home, I would be very happy. (Hipotética)
Se ela viesse para casa, eu ficaria muito feliz.

(45) If she had come home, I would have been very happy. (Contrafactual)
Se ela tivesse vindo para casa, eu teria ficado muito feliz.

Fator que também pode influenciar na interpretação das orações adverbiais é a entonação. Segundo Kortmann (2001), a presença ou ausência de quebra na entonação pode alterar a interpretação da oração adverbial, como se vê no exemplo de condicional a seguir:

(46) /I wouldn't marry you if you were the last man on earth./
Eu não me casaria com você (nem que) se você fosse o último homem na terra.

No exemplo acima, uma simples entonação pode fazer com que a oração receba uma leitura de uma condicional concessiva.

Outro ponto importante é a escolha de formas verbais dependentes e independentes, pois a escolha entre formas finitas ou não finitas na oração adverbial interfere na interpretação do subordinador. Como se pode observar no exemplo:

(47) Since working with the new company, Frank hasn't called on us even once.
Desde que trabalha na nova empresa, Frank não nos telefonou sequer uma vez.

No exemplo, *since*, introduzindo um adjunto livre, só pode receber uma leitura temporal, uma leitura causal não é possível.

Por fim, a ordem do constituinte é outro fator que pode influenciar na interpretação, como se vê nos exemplos:

(48) She uncurled her legs, reaching for her shoes.
Ela desenrolou (descruzou) as pernas, tentando alcançar seus sapatos.

(49) Reaching for her shoes, she uncurled her legs.
Tentando alcançar seus sapatos, ela descruzou as pernas.

Como se pode observar nos exemplos, a ordem dos eventos é sinalizada pela ordem da oração adverbial em relação à oração principal.

Quanto à função das orações adverbiais no discurso, Kortmann diz que essas orações fornecem informações de fundo. No entanto, as orações adverbiais também servem como funções adicionais, cumprindo tarefas na organização de grandes extensões de discurso escrito e falado. Se a oração adverbial preceder a oração principal criará uma coerência mais global (textual), ou se a adverbial seguir a principal, ela estabelecerá uma coerência mais local. Orações adverbiais pospostas tem uma função mais local, pois seu escopo é restrito à oração principal.

Com relação à ordem das orações adverbiais, Diessel (2001), em seu trabalho sobre a ordem das orações principais e adverbiais, afirma que a posição mais comum das orações adverbiais, em geral, é anteposta à oração principal. O autor mostra que existem dois padrões de ordem, um em que a oração adverbial pode vir antes ou depois da oração principal, ou a oração adverbial anteceder a oração principal. Em todos os casos, conforme Diessel, a posição da oração adverbial pode variar de acordo com seu significado ou função. Por exemplo, as orações condicionais, geralmente, precedem a oração principal, já as orações causais tendem a ocorrer em posição final. De acordo

com o autor, as línguas diferem quanto à organização entre a oração principal e a adverbial e dessa forma é possível distinguir seis classes de distribuição. O primeiro padrão de distribuição (Rigid ADV-S/VP) se refere às orações adverbiais que quase sempre precedem a oração principal, como ocorre na língua Lezgian. No segundo (Non-rigid ADV-S/SVP) a oração adverbial geralmente precede a oração principal, mas também pode ser vista em posposição, como ocorre com o Turco. Na terceira classe de distribuição (Flexible ADV-S/VP + S/VP-ADV) a oração adverbial comumente precede e segue a oração principal, como no Hebreu moderno. Já na quarta classe de distribuição (Mixed ADV-S/VP+S/VP-ADV) as orações adverbiais podem ocorrer tanto antes como depois da oração principal, dependendo do seu tipo semântico específico, como ocorre na língua Babungo. Na penúltima classe (Non-rigid S/VP-ADV) a oração adverbial normalmente segue a oração principal, mas também pode ocorrer em posição inicial, como ocorre na língua Arabana Wangkangurru. E, na última classe (Rigid S/VP-ADV), a oração adverbial quase sempre segue a oração principal. Ainda conforme Diessel, os limites entre essas seis classes de distribuição da ordem nas orações adverbiais são fluidas, ou seja, em vez de formarem seis classes distintas, elas formam um contínuo.

Thompson e Longacre (1985) definem as orações adverbiais como orações que modificam o sintagma verbal ou a oração como um todo. Segundo os autores, essas orações podem ser classificadas ou categorizadas com relação aos papéis semânticos que estão em jogo.

Os autores apresentam como exemplo orações que são chamadas de adverbiais de tempo, em Inglês, como se vê:

(50) She mailed it *yesterday*.
Ela enviou *ontem*.

(51) He eats lunch *at 11.45*.
Ele almoça *às 11:45*

(52) She has chemistry lab *in the morning*.
Ela tem aula de química *de manhã*

(53) I get up *when the sun rises*.
Eu acordo *quando o sol se levanta*

No primeiro exemplo (50), a expressão em itálico, corresponde a um advérbio de tempo; no segundo e no terceiro exemplo (51) e (52) são sintagmas adverbiais, e no

último exemplo (53) é uma oração adverbial. De acordo com os autores, as orações adverbiais se relacionam com a oração principal como um todo.

Os autores afirmam também que a oração adverbial pode fornecer coesão ao discurso como um todo, bem como funciona na manutenção e na articulação do discurso. Em outras palavras, a função da oração adverbial é a de fornecer coesão entre os parágrafos e/ou manter a perspectiva do discurso. Os autores buscaram analisar essas orações em diferentes línguas, levando em consideração doze tipos de orações subordinadas adverbiais, tentando correlacionar suas formas e significados. Conforme os autores, esses doze tipos de orações adverbiais podem ser divididas em dois grupos. O primeiro grupo relaciona-se às orações que podem ser substituídas por uma palavra, essas são as orações de tempo, lugar e modo. Para exemplificar, os autores apresentam os seguintes exemplos:

(54) 'It's windy today' (Tempo)
'Está ventando muito hoje'.

(55) 'John lives here' (Lugar)
'John mora aqui'.

(56) 'He finished quickly' (Modo)
'Ele terminou rapidamente'.

Os exemplos demonstram que a mesma relação semântica que ocorre entre a oração adverbial e a oração principal também ocorre com um advérbio e a oração principal. Em outras palavras, tanto a oração adverbial quanto o advérbio podem expressar tempo, modo ou lugar.

O segundo grupo são o das orações que não podem ser substituídas por uma palavra, e são as orações de propósito, razão, circunstância, simultaneidade, condicional, concessiva, substitutiva, aditiva e absoluta. Como se vê nos exemplos dos autores:

(57) 'He ate food because he was well' (Razão)
Ele comeu comida, porque estava bem.

(58) He got into the army by lying about his age (Circunstância)
Ele entrou no exército porque mentiu sua idade / mentindo sua idade.

(59) If it's raining out there, my car is getting wet (Condicional)
Se estiver chovendo lá fora, meu carro está ficando molhado.

Essa divisão entre o primeiro e o segundo grupo se justifica pelo fato de que as línguas apresentam advérbios que expressam tempo, lugar e modo, mas não possuem advérbios que expressem propósito, razão, concessão.

Hengeveld (1996, p.120) propõe um modelo hierárquico das orações adverbiais. Segundo o modelo, a estrutura representa o ato de fala, com força ilocucionária, em que o falante transmite um conteúdo proposicional a um destinatário. Dentro do modelo é feita a referência do conteúdo proposicional a um estado de coisas, em que um ou mais indivíduos estão envolvidos numa relação ou propriedade. O autor analisa as orações adverbiais quanto a sua estrutura semântica interna, e não apenas com relação à oração principal. Assim o autor propõe quatro parâmetros que constituem a semântica interna das orações, são eles: **tipo de entidade, referência temporal, factualidade e pressuposição.**

O primeiro parâmetro é tipo de entidade designado. As unidades linguísticas podem se referir a cinco tipos de entidades diferentes, que podem ser entidades de zero ordem, primeira ordem, segunda ordem, terceira ordem e de quarta ordem. As entidades de ordem zero descrevem uma propriedade ou relação, como se observa no exemplo de Pérez Quintero (1998, p. 158):

(60) They escaped by sliding down a rope (Zero ordem)
Eles escaparam deslizando por uma corda.

O tipo de entidade de zero ordem descreve apenas um acontecimento, sendo esse acontecimento completo. No exemplo (60), o fato escaparem deslizando por uma corda é um acontecimento completo, em que há um compartilhamento entre os argumentos.

Nas orações subordinadas não se consideram os tipos de entidade de primeira, pois como afirma Pérez Quintero (1998), “As subordinadas de primeira ordem só podem ser expressas por meio de palavras e não de orações”² (p.157)

O estado de coisas é um tipo de entidade de segunda ordem, ele pode ser localizado no espaço e no tempo, podendo ser avaliado em termos de realidade. Como se vê no exemplo:

(61) The fuse blew because we had overloaded the circuit (Segunda ordem)

² “Las subordinadas de primer orden solo pueden ser expresadas a través de términos y no de oraciones [...]” (p.157).

O fusível explodiu porque sobrecarregamos o circuito.

Diferentemente dos tipos de entidade de zero ordem, o tipo de entidade de segunda ordem descreve acontecimentos independentes. Ou seja, as orações de primeira ordem compartilham argumentos, enquanto as orações de segunda ordem são independentes.

O tipo de entidade de terceira ordem é o conteúdo proposicional, este não pode ser localizado nem no tempo nem no espaço, e pode ser avaliado em termos de sua verdade. Conforme se vê no exemplo:

(62) Jenny went home because her sister might visit her (Terceira ordem)
Jenny foi para casa porque sua irmã pode visitá-la.

Como entidades de terceira ordem, elas designam uma proposição, e admitem uma atitude proposicional, como construto mental do falante, como se pode observar no exemplo (62), “*because her sister might visit her*”.

O ato de fala é um tipo de entidade de quarta ordem, situado no tempo e no espaço, podendo ser avaliado, entre outras coisas, em termos de sua informatividade. Como no exemplo a seguir:

(63) Jenny isn't here, for, honestly, I don't see her (Quarta ordem)
Jenny não está aqui, porque, honestamente, eu não a vejo.

As entidades de quarta ordem constituem um ato de fala e aceitam um modificador de ilocução. No caso do exemplo (63), o modificador ilocucional é marcado por “*honestly*”.

Com isso, a partir desse parâmetro pode-se distinguir três tipos de orações adverbiais: de **segunda ordem**, que designam um estado-de-coisas e pode ser avaliado quanto à sua realidade; de **terceira ordem**, que designa um conteúdo proposicional e pode ser avaliado quanto à sua verdade, e de **quarta ordem** que constituem um ato de fala.

Quanto ao parâmetro referência temporal, Hengeveld (1996) propõe dois tipos de orações: as que ocorrem com Referência Temporal Dependente (RTD) e as que ocorrem com Referência Temporal Independente (RTI). Segundo o autor, esse

parâmetro é estabelecido para distinguir os complementos, conforme as restrições na escolha de operadores que permitem. Hengeveld (1996) exemplifica:

(64) a. I saw him leave.

Eu o vi sair

b. *I saw him have left.

**Eu o vi sair*

(65) a. I regret that he leaves today.

Lamento que ele partiu hoje.

b. I regret that he left yesterday.

Lamento que ele partiu ontem.

A diferença entre os exemplos está no fato de que no primeiro o evento descrito como complemento de *see* é simultâneo ao evento da oração principal, por isso ocorre com Referência Temporal Dependente (RTD). Por outro lado, no segundo exemplo, o complemento de *regret* é temporalmente independente da oração principal, por isso apresenta Referência Temporal Independente (RTI).

O parâmetro factuality distingue as orações adverbiais em duas: as factuais e as não-factuais. As orações adverbiais são factuais se designam uma entidade como real e verdadeira, e não-factuais se designam uma entidade como não-real e não verdadeira, como se pode observar nos exemplos de Pérez Quintero (1998, p.164):

(66) The fuse blew because we had overloaded the circuit (Factual)

O fusível explodiu porque sobrecarregamos o circuito.

(67) I'll come tomorrow in case Ann wants me (Não-factual)

Eu venho amanhã caso Ann queira (me).

O parâmetro pressuposição avalia o conteúdo da oração adverbial em pressuposto e não-pressuposto. A oração é pressuposta quando o falante constrói sua fala partindo do suposto de que seu ouvinte sabe que o conteúdo da adverbial é real ou não-real, verdadeiro ou não-verdadeiro, como se vê no exemplo dado por Pérez Quintero (1998, p.184)

(68) After doing the cooking I looked after the garden.

Depois de cozinhar eu cuidei do jardim.

Ao contrário, a oração é não-pressuposta quanto o falante formula seu enunciado partindo do suposto de que seu ouvinte não conhece o conteúdo, se ele é real ou não-real, verdadeiro ou não-verdadeiro, como exemplifica Oliveira (2008, p. 67)

(69) Jenny went home because her sister would visit her
Jenny foi para casa porque sua irmã a visitaria.

Seguindo a visão pragmática adotada por Pérez Quintero (1998), Oliveira (2008), em seu trabalho sobre as orações condicionais, também adota essa perspectiva pragmática na análise do parâmetro pressuposição e diz:

Pérez Quintero (1998, 2002), em sua classificação das adverbiais do inglês, defende a adoção de uma visão pragmática, que permite conceber a pressuposição de acordo com o modo como o falante estrutura sua mensagem em relação ao que espera ser do conhecimento de seu ouvinte. (OLIVEIRA, 2008, p. 65)

Para as autoras, o enfoque pragmático na avaliação desse parâmetro parece ser mais conveniente, visto que nesse enfoque a análise parte do ponto de vista da comunicação entre os falantes.

3.1. A articulação de orações

A Gramática Tradicional, no que diz respeito ao processo de independência e dependência entre as orações, estabelece a dicotomia entre coordenação e subordinação, encarando esses processos apenas sob o ponto de vista sintático, sem levar em consideração critérios semânticos e pragmáticos. Assim, têm-se as orações coordenadas como orações independentes e as orações subordinadas como dependentes da oração principal.

Na definição de Cunha e Cintra (2008), as orações coordenadas são orações autônomas e independentes, tendo sentido próprio. Além disso, essas orações não funcionam como termos e nem se referem à outra oração, podendo ser apenas justapostas, sem conectivo, ou podem ser ligadas por um conectivo, como se pode observar nos exemplos dados pelos autores (CUNHA E CINTRA, 2008:610):

(70) Será uma vida nova,/ começará hoje,/ não haverá nada para trás./ (A. Abelaira, QPN, 19)

(71) a Grécia seduzia-o,/ **mas** Roma dominava-o./ (Graça Aranha, OC, 701)

Por outro lado, conforme os autores, as orações que não possuem autonomia, que funcionam como termos integrantes, essenciais ou acessórios são chamadas de orações subordinadas, como nos casos abaixo:

(72) Não veste com luxo/**porque o tio não é rico**./ (Machado de Assis, OC, II, 204)

(73) Tudo vale a pena / **Se a alma não é pequena**./ (Fernando Pessoa, OP, 19)

Como se vê, pela visão tradicional, analisam-se as orações apenas do ponto de vista sintático, de maneira que uma oração se conecta a outra, restringindo-se apenas à análise do produto. Com isso, a GT trata o processo de articulação de orações sem levar em conta que existem outras relações, tornando-se assim insuficiente. Conforme Decat (1999), a visão da gramática tradicional ao que se refere à articulação de orações é a seguinte:

A trajetória dos estudos gramaticais tradicionais (linguísticos) costuma ser marcada pela utilização da dicotomia coordenação/subordinação na tarefa de descrever e definir os processos de articulação (ou combinação) de cláusulas. [...] Por um lado, opor as noções de coordenação e subordinação não tem sido uma estratégia promissora; por outro, também não o é definir subordinação simplesmente como dependência – e em termos puramente formais. A chamada dependência gramatical norteou, de modo geral, os tratamentos tradicionalistas. Vinculando o caráter dependente da cláusula subordinada à presença de conectivos, bem como ao fato (não verdadeiro) de ela não ter existência própria [...] além de não darem conta de casos em que a distinção entre estruturas coordenadas e subordinadas não é fácil de ser estabelecida, principalmente quando se trata de unidades do discurso. (DECAT, 1999, p.300-301)

Com isso, Decat (1999) afirma que a visão tradicional trata a distinção entre coordenação e subordinação apenas formalmente, bem como estabelece que a oração subordinada se caracteriza apenas por ser dependente e apresentar conectivo; No entanto, essas distinções não são estabelecidas facilmente, de maneira que a análise da visão tradicional se mostra insuficiente.

O enfoque funcionalista traz uma visão diferente sobre a articulação das orações para além da dicotomia coordenação e subordinação. Foi em Halliday e Hasan (1976

apud NEVES, 2007) que surgiu a noção de que uma conjunção instaura um processo textual, coesivo, ou seja, uma relação semântica que se estabelece pela conexão que existe entre o que vem depois e o que vem antes numa oração. Nas palavras de Neves (2007) “Trata-se, na verdade, de um conjunto de relações semânticas entre orações, entre complexos oracionais, entre trechos de texto, explicitados por um sem número de expedientes, não apenas pelos ditos ‘conjuntivos’, como as conjunções” (p. 223). Conforme Halliday e Hasan (1976 *apud* NEVES, 2007), as conjunções não são elementos coesivos por si só, mas apenas pelo fato de seu significado supor a existência de outros elementos. Entretanto, a relação de ligação ocorre de diversas formas, como por exemplo, para a marcação de tempo pode-se utilizar um advérbio. Os autores classificam quatro tipos de conjunção: aditiva (alternativa), adversativa, causal (razão, propósito, consequência, resultado) e temporal. Consideram ainda que essas relações se estabelecem no conteúdo que está sendo dito, bem como no desenvolver da argumentação.

Halliday (2004), no que diz respeito à dicotomia entre coordenação e subordinação, estabelece que a organização das orações complexas se dá em dois eixos: o sistema de interdependência ou tático e o sistema lógico-semântico. O sistema tático diz respeito à interdependência entre os elementos, que inclui a **parataxe**, a relação entre elementos de mesmo estatuto; e a **hipotaxe**, a relação entre um elemento dependente e seu dominante. O sistema lógico-semântico refere-se à relação entre os processos que pode ser resolvido por **expansão** ou **projeção**. A **expansão** acontece quando a segunda oração expande a primeira oração por elaboração, por extensão ou por realce. A elaboração uma oração elabora a outra, quanto ao seu significado, especificando ou descrevendo. E por extensão entende-se que uma oração aumenta a outra, e no realce uma oração ressalta a outra oração. A **projeção** acontece quando a segunda oração é salientada pela primeira, podendo apresentar uma ideia ou uma locução. O autor faz uma associação entre as relações lógico-semânticas e o sistema de interdependência. Assim, da associação hipotaxe + realce resultam as orações adverbiais (de tempo, modo, lugar, causa, condição etc.). Para demonstrar essas relações, o autor apresenta os tipos básicos da oração complexa no quadro a seguir:

Quadro 01: Tipos básicos da oração complexa segundo Halliday (2004).

		Paratático	Hipotático
(1) expansão	(a) elaboração	John didn't wait; he ran away. <i>John não esperou; ele fugiu.</i>	John ran away, which surprised everyone. <i>John fugiu, que surpreendeu a todos.</i>
	(b) extensão	John ran away, and Fred stayed behind. <i>John fugiu, e Fred ficou para trás.</i>	John ran away, whereas Fred stayed behind. <i>John fugiu, Enquanto Fred ficou para trás.</i>
	(c) realce	John was scared, so he ran away. <i>John estava com medo, por isso ele fugiu.</i>	John ran away, because he was scared. <i>John fugiu, porque ele estava com medo.</i>
(2) projeção	(a) locução	John said: ‘I’m running away’ <i>John disse: “Eu estou fugindo”.</i>	John said “he was running away.” <i>John disse ele estava fugindo.</i>
	(b) ideia	John thought to himself: ‘I’ll run away’ <i>John pensou consigo mesmo: “Eu vou fugir”.</i>	John thought he would run away. <i>John pensou Ele fugiria.</i>

Fonte: HALLIDAY, 2004:380

Além da distinção entre hipotaxe e parataxe, Halliday se refere também ao termo encaixamento. No entanto, a relação de encaixamento está fora do sistema tático, porque nesse caso uma oração funciona apenas como constituinte dentro da estrutura de um grupo, sendo um constituinte de uma oração, nas palavras de Halliday (2004) “A combinação é um mecanismo através do qual uma oração ou frase passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, que por si só é um constituinte da oração” (p. 426).³ Nesse sentido, a oração encaixada funciona na estrutura do grupo, e o grupo funciona na estrutura da oração, isto é, “As funções da combinação de orações na estrutura do grupo, e as funções de grupo na estrutura da cláusula.” (p. 426).⁴ Nesse sentido, o encaixamento não é um mecanismo de relação, mas sim constituinte de uma

³ “Embedding is a semogenic mechanism whereby a clause or phrase comes to function as a constituent within the structure of a group, which itself is a constituent of clause” (p. 426).

⁴ “The embedded clause functions in the structure of the group, and the group functions in the structure of the clause” (p. 426).

oração, enquanto parataxe e hipotaxe são relações entre orações, o encaixamento não o é. Esse fato pode ser observado no exemplo apresentado pelo autor:

(74) [[who came to dinner]] / [[coming to dinner]]
Quem veio para o jantar / veio para o jantar

O elemento encaixado pode modificar um grupo nominal, como no exemplo acima, ou pode modificar um grupo adverbial. Isto é, o elemento encaixado funciona como elemento da oração.

Por sua vez, Matthiessen e Thompson (1988), remetendo à Halliday, também discutem sobre a distinção entre combinação de orações e encaixamento, no entanto, se diferenciam de Halliday, pois, esses autores trabalham no nível do discurso com essas questões. Para os autores, no encaixamento o ambiente da oração é diferente, porque uma oração não combina com a outra, como se observa no exemplo dos autores

(75) The happy days before the Magistrate had been invited
Dias felizes antes do magistrado ter sido convidado.

Segundo os autores, a oração “before the Magistrate had been invited” é um caso de encaixamento e não de combinação, pois, funciona dentro do sintagma nominal modificando o substantivo “days”. Ou seja, no encaixamento a oração exerce a função de complemento dentro de outra oração.

Com relação à combinação de orações, Matthiessen e Thompson (1988) afirmam que há dois níveis de combinação, que são a parataxe e a hipotaxe. Esses são distinguidos em termos de interdependência: combinação paratática e combinação hipotática.

A combinação hipotática, segundo os autores, é uma gramaticalização das relações retóricas núcleo-satélite, segundo os autores, a combinação de orações hipotáticas é melhor entendida como a gramaticalização da relação Núcleo-Satélite, o que caracteriza a organização retórica de certos tipos de discurso escrito. Ou seja, as relações retóricas são características dos textos, no qual os núcleos assinalam as partes centrais, e os satélites auxiliam nos objetivos centrais. Para Matthiessen e Thompson (1988), o grau de interdependência das orações complexas deve ser medido considerando o modo como elas participam da organização discursiva, e propõem que a combinação das orações reflete a organização retórica do discurso. Os autores afirmam que para se distinguir uma oração subordinada é necessário recorrer ao contexto

discursivo em que essas aparecem. Especialmente para as hipotáticas de realce, os autores afirmam que é preciso reconhecê-las como uma categoria distinta, não sendo suficiente observá-las quanto ao grau de interdependência.

Conforme os autores, na combinação de orações sua estrutura e seu escopo seguem o mesmo tipo de forma do texto. Com isso, ela deve refletir a estrutura e o escopo de uma unidade retórica do texto. Unidades retóricas definidas pela relação Núcleo-Satélite têm um único satélite e essa característica está presente na combinação de orações da hipotaxe de realce. Isso pode ser observado no exemplo de Matthiessen e Thompson (1988, p. 303)

(76) Our theacher says that
Nosso professor disse que

1. if you neighbour has a new baby and
se o seu vizinho tem um bebe novo e

2. you don't know whether it's a he or she,
 você não sabe se é ele ou ela

3. if you call it 'it'
se você chamar de "isso"

4. well the neighbour will be very offended.
Bem, seu vizinho ficará ofendido

No exemplo, é possível observar as partes da oração condicional, no entanto, isso não significa que são três satélites organizados em torno do mesmo núcleo, mas estão relacionados ao “the neighbour will be very offended”.

González e Taboada (2005) discutem a combinação de orações dentro da Teoria da Estrutura Retórica, e conforme as autoras, nessa teoria a combinação de orações é entendida como a gramaticalização das estruturas retóricas do discurso, e são descritas como relações hierárquicas realizadas entre unidades de mesmo estatuto (parataxe) e de diferente estatuto (hipotaxe), na relação Núcleo-Satélite. Na Teoria da Estrutura Retórica as relações são definidas conforme as restrições núcleo-satélite, no entanto, sua característica mais importante é que para cada relação há um Efeito. Essas relações são definidas de acordo com o Efeito, esse nem sempre é sinalizado. Para demonstrar essa relação, as autoras ilustram com o exemplo a seguir:

(77) [1] Please make a special contribution to Zero Population Growth today. [2] Whatever you give - \$25, \$50, \$100 or much as you can – will be used immediately to put the Urban Stress Test in the hands of those who need it most.

[1] Por favor faça uma contribuição para a Zero Population Growth (Crescimento Zero da População) hoje. [2] O que quer que você dê - \$25, \$50, \$100 ou o quanto você puder – será usado imediatamente para colocar o Urban Stress Test (Teste de stress urbano) nas mãos daqueles que mais precisam.

Segundo as autoras, nesse exemplo, as relações marcadas são Motivadas, mas não apresentam nenhum sinal que marque essa relação. Há ainda outras categorias como Fundo, Elaboração, Evidência, Lista, Preparação, Reformulação, Solução, e Sequência. Algumas dessas categorias podem ser observadas nos exemplos das autoras, a seguir:

(78) [1] In Psalm 31, David cried out to the Lord in his time of trouble. [2] He knew that his only hope was to put his situation in God's hands and rely on Him. (Elaboração)

[1] No Salmo 31, Davi clamou ao Senhor em seu tempo de angústia. [2] Ele sabia que sua única esperança era colocar sua situação nas mãos de Deus e confiar Nele.

Nesse exemplo, o segmento [2] elabora as informações presentes no segmento [1]. A Elaboração pode ser definida ainda como uma relação de uma parte ou de toda a etapa do processo. O exemplo seguinte ilustra a categoria Fundo, como se vê:

(79) [1] Interest in underwater archaeology is on the rise, while those exploring the seabed are going ever deeper to recover objects from shipwrecks. [2] In the last issue, contributing editor James Wiseman reported on an MIT conference where a small group of scholars and scientists discussed new technologies for deep-sea exploration and recovery of objects. A short time later, I attended a symposium entitled Ancient Mariners, sponsored by the Archaeological Institute of America, AIA's Houston Society, and several other organizations. (Fundo)

*[1] Interesse em arqueologia subaquática está em ascensão, enquanto que aqueles que querem explorar o fundo do mar estão indo cada vez mais fundo para recuperar objetos de naufrágios. [2] Na última edição, o editor “contribuinte” James Wiseman relatou em uma conferência do MIT onde um pequeno grupo de estudiosos e cientistas discutiam novas tecnologias para a exploração em alto-mar e recuperação de objetos. Pouco tempo depois, participei de um simpósio intitulado *Mariners Antigos*, promovido pelo Instituto Arqueológico da América, Houston Sociedade de AIA, e várias outras organizações.*

O segmento [1] fornece o Fundo para o que será explicado no segmento seguinte [2]. Nesse exemplo as autoras explicam que não há nenhum sinal que marque essa relação, sendo assim, o leitor teria que inferir sobre o conteúdo. O próximo exemplo traz a relação de Evidência, como se vê:

(80) [Title:] [1] Darwin as a Geologist. [2] He tends to be viewed now as a biologist, [3] but in his five years on the Beagle his main work was geology, [4] and he saw himself as a geologist. [5] His work contributed significantly to the field. (Evidência)

[1] *Darwin é um Geólogo.* [2] *Ele tende a ser visto agora como um biólogo,* [3] *mas em seus cinco anos em BEAGLE sua obra principal foi a geologia,* [4] *e ele se via como um geólogo.* [5] *Seu trabalho contribuiu significativamente para o campo.*

Essa relação é usada para fornecer suporte para um ponto de vista em particular. No exemplo, os segmentos [3] e [5] fornecem evidência para a tese de que Darwin geralmente é visto como biólogo, no entanto, ele também era, principalmente, geólogo. O último exemplo demonstra a relação de Reformulação, como se vê:

(81) [Title:] [1] A WELL GROOMED CAR REFLECTS ITS OWNER

[2] The car you drive says a lot about you.

[1] *UM CARRO BEM PREPARADO REFLETE SEU DONO.* [2] *O carro que você dirige diz muito a seu respeito.*

Nesse exemplo o segmento [2] apenas reafirma a informação contida no segmento [1].

Em outra perspectiva teórica, para Lehmann (1988), a articulação das orações se dá em um *continuum* que vai de um grau máximo a um grau mínimo de autonomia da sentença e, ao contrário, de um grau máximo a um grau mínimo de integração. Esse *continuum* representa níveis de maior ou menor vínculo sintático entre orações. Entre os extremos do *continuum* se encontram as orações adverbiais.

O autor propõe seis parâmetros semântico-sintáticos na análise da articulação de orações, são eles: a) rebaixamento hierárquico da oração subordinada; b) nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula; c) dessentencialização da subordinada; d) gramaticalização do verbo principal; e) entrelaçamento das duas orações e f) explicitude da articulação. Conforme Gonçalves (2007), esses parâmetros são agrupados em três pares de acordo com alguns aspectos da vinculação de orações que eles podem sinalizar: a – b, c – d e, e – f. Tais aspectos se referem à: autonomia ou integração da sentença subordinada; expansão ou redução da oração subordinada ou principal; isolamento ou articulação das sentenças. Os pares desses parâmetros são agrupados da seguinte maneira:

a) autonomia vs integração:

- rebaixamento hierárquico da oração subordinada (a oração está em direção à posição de constituinte da oração principal);
- nível sintático de vinculação da oração subordinada à principal;

b) expansão vs redução:

- dessentencialização da oração subordinada (constituinte simples da oração principal);
- gramaticalização do verbo principal (verbo pleno –verbo modal)

c) isolamento vs ligação

- entrelaçamento das orações (compartilhamento de elementos)
- grau de explicitude do sujeito (conector)

Segundo Gorski (2001), por exemplo, a não realização do sujeito está ligado a dois parâmetros que são a dessentencialização e o entrelaçamento, assim como também a morfologia do verbo está ligada ao parâmetro da dessentencialização.

Com isso, cada extremo desse *continuum* refere-se a um tipo de oração, o primeiro está relacionado a uma combinação de orações sintaticamente iguais e ligadas por um conector, que equivalem às sentenças paratáticas; o segundo equivale a uma combinação de orações com predicados reduzidos, encaixamento na oração principal com um constituinte de nível sintático baixo, são as orações encaixadas. Abaixo segue a demonstração do *continuum* proposto por Lehmann:

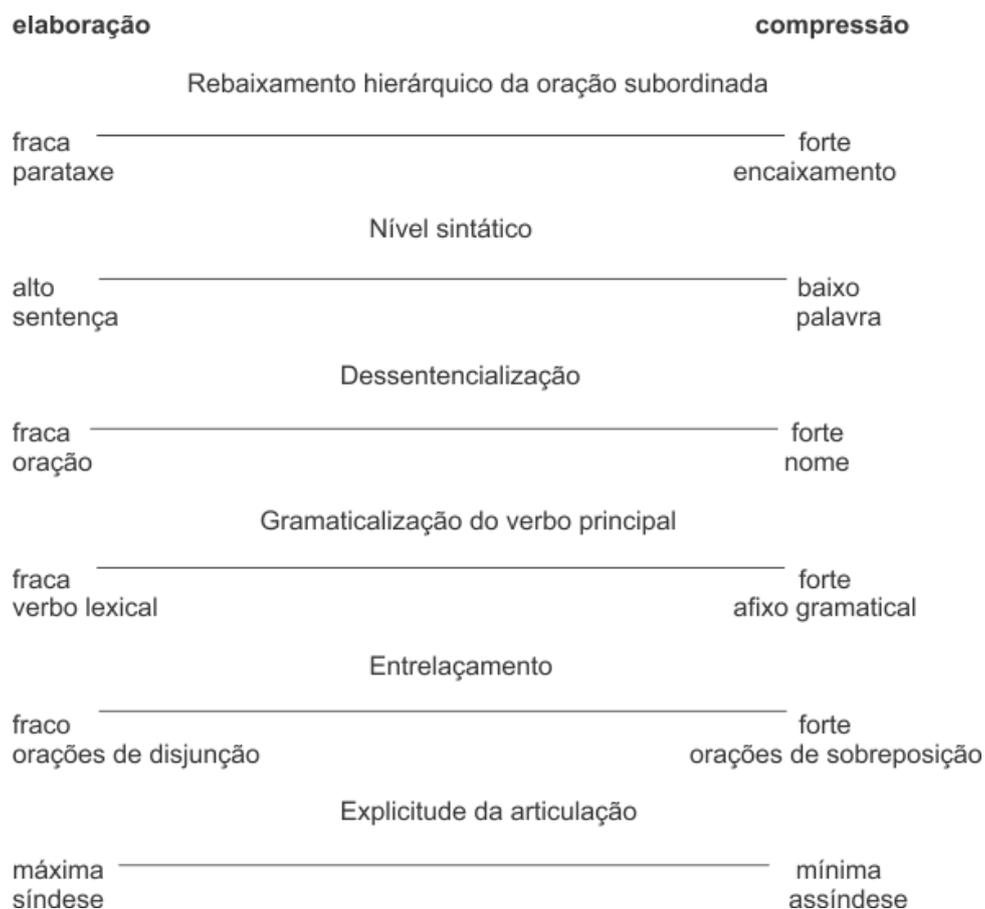


Figura 02 – Contínua da articulação de orações (Lehmann, 1988, 217).

Fonte: Gonçalves, Sebastião C. L. 2007. p. 86.

Ainda conforme Gonçalves (2007: 87)

Em outras palavras, esses *continua* partem de um pólo em que o nível de vinculação sintática entre as orações combinadas é mais frouxo para um pólo em que esse nível de vinculação é mais estreito. Ainda existem entre esses dois pólos tipos intermediários: orações correlatas, orações nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, orações adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal etc.

Esses seis parâmetros podem ainda atuar estabelecendo correlações no processo de combinação de orações, nem sempre agindo isoladamente. Por exemplo, uma gramaticalização forte do verbo principal pode indicar uma dessentencialização avançada ou um grau forte de entrelaçamento; ou o entrelaçamento das sentenças por alçamento de constituinte pode indicar rebaixamento hierárquico e, a integração da oração subordinada; ou ainda, o entrelaçamento das sentenças por meio do controle do sujeito da oração subordinada leva à dessentencialização dessa oração. Entretanto, essas correlações não são regras, e são independentes mutuamente.

Tendo em vista essas definições sobre como as orações se articulam, as orações consecutivas são orações adverbiais, e como tais se encaixam no que Halliday chamou de orações hipotáticas de realce, ou seja, são orações dependentes da principal. No *continuum* de Lehmann, as orações adverbiais se encontram no meio dos extremos, entretanto, somente por meio da análise desses parâmetros, integradamente, é que poderemos encaixar as orações consecutivas nesse *continuum*.

Contudo, as orações consecutivas apresentam um traço que as difere quanto ao seu grau de dependência em relação à oração principal, pois algumas orações consecutivas apresentam certo grau de independência, e nesse caso, como aponta Módolo (2004), elas seriam orações correlativas. Nessa perspectiva, apresentaremos uma seção, a seguir, sobre as orações correlativas, que apresentam quanto a sua articulação, mecanismos que a diferem quanto aos traços dependência/independência.

3.2 As orações correlativas

As orações correlativas não estão presentes nas gramáticas tradicionais, visto que para essas só existem dois modos de ligação sintática que são coordenação e subordinação. Entretanto, como afirma Módolo (2004), essa dicotomia é inaceitável, pois, quando se analisa mais profundamente algumas construções é possível notar tipos oracionais diferentes. Nesse sentido, as orações correlatas entram como um terceiro tipo de ligação entre orações, apresentando uma relação de interdependência.

O estudo de Oiticica (1952) é o que mais se destaca sobre as construções correlativas. Conforme Módolo (1999), Oiticica parte de uma perspectiva funcional da sintaxe, e em suas palavras “é preciso frisar que consideramos Oiticica funcionalista "avant la lettre", já que seu livro clássico *Teoria da Correlação* foi publicado na década de 50, muito antes do funcionalismo ter obtido projeção como corrente linguística” (p: 7). Para Módolo (1999), em *Teoria da Correlação*, Oiticica demonstra a preocupação com o componente semântico, que serve como base em sua argumentação sobre a correlação.

Segundo Pauliukonis (2001) a análise de Oiticica se embasa em dois pontos significativos, o primeiro enfatiza que na interligação das orações correlativas sempre

ocorrem dois termos conectivos, e o segundo, demonstra a interdependência semântica entre as orações. Nas palavras de Pauliukonis (2001, p.122)

Eis em que consiste a Correlação: é um processo estruturador de orações, diferente dos outros dois tradicionais, por estar em outro nível de articulação, marcado pela forma como as orações se apresentam: “entre as orações aparecem sempre dois termos conectivos”[...] O nexos semântico que se estabelece entre as duas afirmações é resultado da própria tensão da propriedade relacional.

Ainda conforme a autora, característica fundamental que distingue as orações correlatas das outras articulações é fato sempre se ligarem por meio de dois conectivos interdependentes. Dessa maneira, a coesão da estrutura atinge os dois termos inseparáveis.

Nessa perspectiva, Módolo (1999) demonstra os tipos de correlação, a saber: a correlação aditiva, a correlação alternativa, a correlação consecutiva e a correlação comparativa. Essas correlações podem ser observadas nos exemplos do autor, a seguir:

(82) "Ao obrigar a rede de 2º grau a preparar seus alunos para essas provas, a UNICAMP deu uma contribuição decisiva **não só** para a renovação pedagógica nos bons colégios públicos e privados **mas, também**, para a própria transformação dos livros didáticos (...)." (JT 27/05/93) (Correlação Aditiva)

(83) "Agora tudo indica que Fernando Henrique terá condições de obter o apoio político necessário, **seja** porque existe uma predisposição da sociedade nesse sentido, **seja** porque pouca gente tem melhores condições de negociá-lo do que o novo ministro da Fazenda." (FSP 30/05/93) (Correlação alternativa)

(84) "Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam **tanto** para a coletiva **que** a mistura de perfumes deixou a galera mareada." (FSP 15/05/93) (Correlação consecutiva)

(85) "Hoje eu tenho **mais** medo de economista **do que** de general." (FSP 30/05/93) (Correlação comparativa)

No primeiro exemplo (82), a correlação é dada pelos conectivos “*não só*” e “*mas também*”. Módolo explica que a correlação aditiva, no exemplo, é dada por meio da soma destes dois elementos, que seriam elementos de contribuição. No exemplo seguinte (83), a correlação alternativa ocorre por meio dos conectivos “*seja*” e “*seja*”. No exemplo (84), “*tanto*” e “*que*” são dois elementos que não se separam, e é essa ligação que se relaciona à noção de consequência. Por fim, o exemplo (85), o advérbio

“mais” na primeira oração funciona como o primeiro termo da comparação, necessitando assim de um correlato na segunda oração “*do que*”.

Ao que se refere aos casos de consecutivas correlatas, Oiticica (1952 *apud* PAULIUKINOS, 2001) se baseia na ligação estreita entre os dois termos conectivos da oração, no qual o segundo é evocado pelo primeiro. Esse fato pode ser observado no exemplo dado por Módolo (2004), a seguir:

(86) **Tanto** o animei, **que** ele publicou o trabalho.

Como se vê, o que demonstra a relação entre as duas orações é o termo intensificado na primeira, sendo primeiro termo da correlação, que se liga a consequência apresentada na segunda. Sem esse intensificador não há como ligar uma oração à outra. Módolo (2004) diz que o intensificador pode se ligar ao verbo, ao adjetivo, ao substantivo ou ao advérbio. Esse fato pode ser observado nos exemplos do autor:

(87) Ele se mostrou **tão** carinhoso, **que** a todos agradou.

(88) Declamou com **tanta** graça, **que** os deliciou.

(89) Discursou **tão** bem, **que** a todos comoveu.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

Os dados que compõem o *cópus* deste trabalho foram coletados no banco de dados do Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org). Este banco de dados é constituído por mais de 45 milhões de palavras, encontradas em mais 57 mil textos escritos, de diferentes gêneros. Para esta pesquisa foram considerados textos escritos, textos de língua falada e entrevistas do português brasileiro dos séculos XIX e XX.

Tendo em vista que o objeto da pesquisa são as orações consecutivas foram, então, coletadas ocorrências dos seguintes conectivos que introduzem esse tipo de oração: **de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, de tal forma que, de tal maneira que, de tal modo que, tal...que, tanto...que e tão...que**. No total, foram analisados 553 dados das orações consecutivas.

Quadro 02: Total dos dados por conectivo.

CONECTIVOS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	(%)
de forma que	134	24,23%
de maneira que	24	4,34%
de modo que	151	27,31%
de sorte que	28	5,06%
de tal forma que	15	2,71%
de tal maneira que	19	3,44%
de tal modo que	21	3,79%
tal...que	38	6,88%
tanto...que	39	7,05%
tão...que	84	15,19%
Total	553	100 %

Entretanto, para a análise do nosso trabalho foram considerados dois tipos de oração consecutiva, as orações consecutivas subordinadas e as orações consecutivas correlativas.

Com isso, para a análise dos dados foram considerados os seguintes parâmetros semânticos: **Tipo de Entidade, Referência Temporal**; os parâmetros morfosintáticos: **Posição, Correferencialidade do Sujeito e Forma Verbal**.

Com base na análise dos dados por meio dos parâmetros citados acima, procederemos a esses uma análise quantitativa, em porcentagem, e uma análise qualitativa. Dessa forma, a análise qualitativa das ocorrências estará associada à análise de percentuais dos dados com relação aos parâmetros propostos.

Espera-se, assim, que por meio da análise dos parâmetros propostos se consiga chegar a uma descrição mais completa das construções consecutivas, que toma como base na análise aspectos semânticos e morfossintáticos, além de questões formais do português em uso.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS

A construção da oração consecutiva se dá por meio de uma oração principal, que expressa uma causa, e uma oração consecutiva, que expressa a consequência preenchida da causa apresentada na oração principal, como se pode observar no exemplo, a seguir:

(90) Duas vezes por dia, o moinho trabalhava; ficava a cem passos do Hotel, **de modo que** nem sempre incomodava os seus hóspedes; (19:Fic:Br:Lins:Fiel)

No exemplo acima, é possível observar que a oração “**de modo que** nem sempre incomodava os seus hóspedes” expressa a consequência da causa “Duas vezes por dia, o moinho trabalhava; ficava a cem passos do Hotel” apresentada na primeira oração, estabelecendo assim uma relação de causa-consequência, relação prototípica das orações consecutivas.

No presente trabalho analisaremos as orações consecutivas, de acordo com Neves (2011), com antecedente e as consecutivas sem antecedente, a saber, as orações consecutivas subordinadas e as orações consecutivas correlativas. A seguir, apresentaremos dois quadros com o número das ocorrências conforme seus conectivos:

Quadro 03: Orações Consecutivas sem antecedente.

ORAÇÕES CONSECUTIVAS SUBORDINADAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	(%)
de forma que	134	24,23%
de maneira que	24	4,34%
de modo que	151	27,31%
de sorte que	28	5,06%
de tal forma que	15	2,71%
de tal maneira que	19	3,44%
de tal modo que	21	3,79%

Quadro 04: Orações Consecutivas com antecedente

ORAÇÕES CONSECUTIVAS CORRELATIVAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	(%)
tal...que	38	6,88%
tanto...que	39	7,05%
tão...que	84	15,19%

5.1. Orações consecutivas subordinadas

As orações consecutivas subordinadas foram analisadas a partir do tipo de conjunção que as inicia, conforme os parâmetros arrolados no capítulo 4 “Metodologia”.

De forma que

As orações iniciadas por **de forma que** apresentaram, quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade**, os seguintes resultados: em 95,53% dos dados, essas orações apresentaram tipos de entidade de segunda ordem, e em 4,47% dos dados entidades de terceira ordem. Os tipos de entidade de quarta ordem não ocorreram no corpus, como mostrado na tabela 01.

Tabela 01: Tipo de Entidade – de forma que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	95,53	128
3ª Ordem	4,47	6
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		134

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Para ilustrar esses resultados, podemos observar o exemplo que segue:

(91) Um certo dia, o pai lhe havia dado, ao sair, pela manhã, um trabalho de música, para copiar, **de forma que**, à tarde, estivesse pronto. (19:Fic:Br:Barreto:Clara) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

Tipos de entidade de segunda ordem designam estado de coisas, e esses por sua vez podem ser avaliados em termos de realidade, sendo qualificados quanto a tempo ou lugar. No exemplo (91) o estado de coisas é qualificado quanto a tempo, por meio do advérbio “à tarde” presente na oração consecutiva. Como se pode ver no exemplo, é exatamente por meio da qualificação tanto de tempo quanto de lugar que se torna evidente o estado de coisas na oração consecutiva.

As orações com **de forma que** também apresentaram tipos de entidade de terceira ordem, mas em apenas 4,47%. Tipos de entidade de terceira ordem designam

um conteúdo proposicional, sendo avaliado quanto sua verdade, e qualificado quanto à atitude do falante. Como se vê no exemplo, a seguir:

(92) Nossa intenção é denunciar e julgar o caso o mais rápido possível **de forma que** a mancha da impunidade não nos envergonhe ainda mais. (19N:Br:SCat) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

Entidades que designam um conteúdo proposicional são qualificadas quanto à atitude do falante. Sendo assim, no exemplo (92), a atitude do falante é percebida quando diz “*nos envergonhe mais*”. Nessa expressão o falante demonstra um desejo, uma vontade, que é de não mais ter vergonha das impunidades.

O segundo parâmetro de análise é a **Referência Temporal**. Por meio desse parâmetro é possível verificar se a oração consecutiva tem seu tempo determinado pelo tempo da oração principal. Hengeveld (1996) propõe que as orações adverbiais podem ser orações com **Referência Temporal Independente (RTI)** ou com **Referência Temporal Dependente (RTD)**. Em relação às orações consecutivas com **de forma que** os resultados demonstraram que essas orações ocorreram, em 91,05% dos dados, com Referência Temporal Dependente, e em 8,95% com Referência Temporal Independente, como se vê no exemplo a seguir.

Tabela 02: Referência Temporal – de forma que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	8,95	12
Referência Temporal Dependente (RTD)	91,05	122
Total de ocorrências analisadas		134

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplo:

(93) Tinha de ser inventiva e manter atividade, regar-lhe a vontade com o espírito feminino, **de forma que** pudesse repousar satisfeita em sua segurança. (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) (RTD)

Como se pode observar no exemplo, existe uma simultaneidade entre os fatos da oração consecutiva e da oração principal, por isso apresentam RTD. No exemplo (93), o fato de poder repousar segura depende do fato de ter que ser inventiva, ou seja, os fatos ocorrem como dependentes, pois ocorrem ao mesmo tempo. De acordo com Hengeveld (1996) as orações que apresentam RTD são orações adverbiais que ocorrem como

consequência de um fato ou evento descrito na oração principal, dado isso, elas ocorrem com RTD.

Quanto às orações que ocorreram com RTI, segue o exemplo, abaixo:

(94) É claro que os EUA defendem os interesses de seus trabalhadores e empresários, **de forma que** seria esperar muito que eles cuidassem, também, dos nossos. (19N:Br:Cur) (RTI)

No exemplo (94) é possível notar que os fatos descritos na oração consecutiva e na oração principal não ocorrem de maneira simultânea, o fato de os EUA defenderem os direitos dos seus trabalhadores não ocorre ao mesmo tempo com o fato de “*seria esperar muito que eles cuidassem, também, dos nossos interesses*”.

O terceiro parâmetro **Posição**, tabela 03, avalia a posição da oração adverbial com relação à oração principal. Uma oração adverbial pode apresentar três posições, a saber: anteposta, posposta ou intercalada. Diessel (2001) afirma que a posição das orações adverbiais pode variar de acordo com seu significado ou função.

No que diz respeito às orações consecutivas, conforme Neves (2011), essas tendem a apresentar a posição posposta à oração nuclear, mantendo assim a relação icônica entre os significados causa-consequência, em que a consequência vem depois da causa.

Tabela 03: Posição – de forma que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	134
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		134

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Como visto na tabela 03, com relação às orações consecutivas iniciadas por **de forma que**, a análise dos dados demonstrou que 100% das orações ocorreram em posição posposta, como se vê nos exemplos:

(95) Felixhimino, como bom financeiro que era, possuía qualidades harpagonescas de economia e poupança, **de forma que** se zangava muito com aquelas despesas de chá e biscoitos (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...) (Posposta)

(96) Com as passagens caras, diminuirão os passeios, os bailes, as festas, as visitas, os piqueniques, conseqüentemente os encontros de namorados, a procura de casas suspeitas,

etc, **de forma que** os adultérios e as seduções sensivelmente não de ser mais raros. (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...) (Posposta)

(97) Trazia à cinta uma faca pequena e na mão a candeia de gruneiro, feita **de forma que** não derrame o azeite de mamona, que a alimenta. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa) (Posposta)

A posição da oração adverbial pode estar ligada a diferentes fatores, como por exemplo, aos fatores discursivos e pragmáticos de Figura e Fundo. Esses fatores se relacionam com a organização do discurso, em que as partes mais relevantes do discurso são apresentadas na Figura, e a caracterização dessas partes mais relevantes estão presentes no Fundo (TALMY,1978). Nos exemplos acima, é possível perceber que as orações consecutivas preenchem as informações mais importantes do discurso anterior. Nesse sentido, a oração consecutiva se constitui como Fundo.

Vamos observar os exemplos: no exemplo (95), a parte mais importante do discurso, que traz informação nova é “*Felixhimino, como bom financeiro que era, possuía qualidades harpagonescas de economia e poupança,*”; por outro lado, a oração consecutiva vem para caracterizar as informações da primeira oração “**de forma que** *se zangava muito com aquelas despesas de chá e biscoitos*”. Outro fator que também está relacionado à posição é a relação de iconicidade, que se relaciona com o significado das orações. No caso das orações consecutivas, os resultados foram de encontro com a informação de Neves (2011), que diz que essas orações mantêm a relação de causa-consequência, em que a consequência vem depois da causa. Essa relação pode ser observada no exemplo (96), a causa é apresentada na oração principal “*Com as passagens caras, diminuirão os passeios, os bailes, as festas, as visitas, os piqueniques, consequentemente os encontros de namorados, a procura de casas suspeitas, etc,*”, e a consequência dessa causa apresentada é que logo diminuirão os adultérios e as seduções.

O parâmetro **Correferencialidade do Sujeito** relaciona-se com a identificação entre sujeitos da oração nuclear e da oração consecutiva. Assim, por meio desse parâmetro, busca-se identificar de que forma o sujeito da principal pode ser recuperado na consecutiva, se por meio da anáfora pronominal, ou da anáfora zero, ou se o sujeito não é correferencial. Com isso, é possível verificar o grau de integração da oração consecutiva à principal. Nas orações consecutivas com **de forma que** os resultados demonstraram que: em 48,50% dos dados, maioria dos dados, essas orações ocorreram com sujeito não correferencial; em 26,12% das ocorrências com sujeito

correferencial por anáfora zero, e 25,38% com sujeito correferencial por anáfora pronominal, demonstrados numericamente na tabela 04.

Tabela 04: Correferencialidade do Sujeito – de forma que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	25,38	34
Anáfora zero	26,12	35
Não correferencial	48,50	65
Total de ocorrências analisadas		134

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(98) A seleção nas repartições é feita inversamente **de forma que** os empregados mais graduados são os mais néscios e inscientes. (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...) (Sujeito não correferencial)

(99) ela dizia num arroubo, **de forma que** não percebeu quando o vento carregou o guardanapo com o borrão de rabiscos. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

(100) Romeu achou por bem repartir com os criados, **de forma que** o seu estoque está no fim. (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

No exemplo (98) é possível notar que o sujeito na oração principal não pode ser recuperado na oração consecutiva, em outras palavras, o sujeito o “*A seleção nas repartições*” não pode ser identificado na oração “*de forma que os empregados mais graduados são os mais néscios e inscientes.*”, isto é, não são os mesmos sujeitos. Por outro lado, no exemplo (99), é possível observar que o sujeito “*ela*” na oração principal é recuperável na consecutiva por meio da anáfora zero, perceptível apenas pela desinência do verbo “*percebeu*”. Por fim, no exemplo (236), o pronome possessivo “*seu*” na oração consecutiva está retomando o sujeito da principal “*Romeu*”, pois é o estoque do Romeu que está sendo repartido entre os criados.

O último parâmetro de análise é a **Forma Verbal**. Esse parâmetro permite avaliar se o verbo que figura na oração consecutiva está na forma finita (indicativo ou subjuntivo) ou não finita (gerúndio, particípio ou infinitivo). Esse parâmetro também está relacionado à verificação do grau de integração das orações. As orações consecutivas iniciadas por **de forma que** apresentaram, em 67,92% das ocorrências,

verbos finitos. Quanto à forma não finita, essas orações apresentaram 32,08% de verbos não finitos como ilustram na tabela 05.

Tabela 05: Forma Verbal – de forma que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	67,92	91
Não finita	32,08	43
Total de ocorrências analisadas		134

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(101) A razão humana deve retirar experiência dos acontecimentos naturais, **de forma que** a finalidade da vida *seja* a harmonia com a natureza, conseguida através do cultivo da razão. (19Ac:Br:Enc) (Finito)

(102) Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, **de forma que** ela mesma *pudesse resistir* aos perigos que corria. (19:Fic:Br:Barreto:Clara) (Não finito)

A diferença nos exemplos apresentados acima está no fato de que, no exemplo (101), o verbo que figura na oração consecutiva é um verbo finito “*seja*” (Presente do Subjuntivo). Já o verbo no segundo exemplo está na forma não finita “*pudesse resistir*” (Pretérito imperfeito do subjuntivo + infinitivo).

De maneira que

O segundo tipo de conectivo que inicia as orações consecutivas subordinadas é **de maneira que**. Essas orações, quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade**, apresentaram os seguintes resultados: 66,67% de ocorrências com tipos de entidade de segunda ordem, e 33,33% de entidades de terceira ordem. Como exposto na tabela 06.

Tabela 06: Tipo de Entidade – de maneira que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	66,67	16
3ª Ordem	33,33	8
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		24

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(102) Cuidava do espírito, **de maneira que** as regras do seu manual a situavam bem entre os livros e os assuntos rigorosamente mundanos. (19:Fic:Br:Holanda:Burro) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(103) A mídia tem um compromisso maior com a música mais vulgar, com a música que chega ao Brasil atrelada ao poder econômico e ao poder político, **de maneira que**, com isto, o Brasil perde a possibilidade de conhecer e cultivar uma música que eu acho mais essencial para ele mesmo. (19Or:Br:Intrv:Tar) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

Como entidades de segunda ordem, as orações consecutivas acima designam estado de coisas. No exemplo (102), o estado de coisas é qualificado quanto ao tempo que pode ser identificado pelo verbo “*situavam*”. Já as orações com tipo de entidade de terceira ordem designam conteúdos proposicionais, qualificado em termos de atitudes do falante. Sendo construtos mentais do falante, são dependentes deste. No exemplo (103) “*eu acho*” demonstra o comportamento do falante quanto a achar que o Brasil perde em não conhecer uma música mais essencial, diferente da música vulgar distribuída pela mídia.

Com relação ao segundo parâmetro de análise, **Referência Temporal**, essas orações, em 95,84% dos dados, ocorreram com Referência Temporal Dependente (RTD), e em 4,16% das ocorrências ocorreram com Referência Temporal Independente (RTI), conforme tabela 07.

Tabela 07: Referência Temporal – de maneira que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	4,16	23
Referência Temporal Dependente (RTD)	95,84	1
Total de ocorrências analisadas		24

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(104) A mão que segura o vestido não deve estar nem muito alta, nem muito baixa, nem muito para diante, nem muito para trás, **de maneira que** o braço caia naturalmente (19:Fic:Br:Lopes:Donas) (RTD)

(105) Eu sou um camarada que pertence a uma classe que foi derrotada pela burguesia urbana, **de maneira que** eu tenho mais simpatia pelo povo do que pela burguesia. (19Or:Br:Intrv:Web) (RTI)

No exemplo (104) o fato de o braço cair naturalmente está diretamente ligado ao fato descrito na oração principal “*A mão que segura o vestido não deve estar nem muito alta, nem muito baixa, nem muito para diante, nem muito para trás*”, ocorrendo assim, ao mesmo tempo. Quanto ao exemplo (105), é possível perceber que os eventos ou fatos descritos na oração consecutiva não ocorrem ao mesmo tempo em que os fatos ou eventos descritos na oração principal.

Com relação à **Posição** das orações com **de maneira que**, essas também ocorreram em posição posposta à oração nuclear, como se observa na tabela 08.

Tabela 08: Posição – de maneira que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	24
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		24

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplo:

(106) É preciso estruturar as leis e normas éticas, a fim de permitir sua adequação ao princípio de utilidade, **de maneira que** todo homem possa apreendê-las racionalmente (19Ac:Br:Enc) (Posposta)

Mais uma vez é possível notar a relação icônica entre os significados das orações. No primeiro exemplo, a causa é expressa na oração principal com “*É preciso estruturar as leis e normas éticas, a fim de permitir sua adequação ao princípio de utilidade,*”, enquanto a consequência vem em seguida com “**de maneira que** *todo homem possa apreendê-las racionalmente*”. Nos demais exemplos pode-se apreender essa relação também.

Quanto ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito** em 45,84% dos dados, sua maioria, as orações ocorreram com sujeitos correferenciais por anáfora zero, em 33,33% com sujeito não correferencial e com 20,83% dos dados com sujeito correferencial por anáfora pronominal. Como se vê na tabela 09.

Tabela 09: Correferencialidade do Sujeito – de maneira que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	20,83	5
Anáfora zero	45,84	11
Não correferencial	33,33	8
Total de ocorrências analisadas		24

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(107) Ora, queridas amigas, eu me acostumei na Europa a ouvir a esmo " Excuse-me ", " Pardon ", " Prego ", tanto em Londres, Paris como Roma, **de maneira que** arquitetei não digo vingança imediata mas uma lição instantânea. (19:Fic:Br:Vieira:Mais) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

(108) A mídia tem um compromisso maior com a música mais vulgar, com a música que chega ao Brasil atrelada ao poder econômico e ao poder político, **de maneira que**, com isto, o Brasil perde a possibilidade de conhecer e cultivar uma música que eu acho mais essencial para ele mesmo. (19Or:Br:Intrv:Tar) (Sujeito não correferencial)

(109) Eu sou um camarada que pertence a uma classe que foi derrotada pela burguesia urbana, **de maneira que** eu tenho mais simpatia pelo povo do que pela burguesia. (19Or:Br:Intrv:Web) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

Como se pode notar, no primeiro exemplo (107), o sujeito da oração principal pode ser identificado por meio da desinência número pessoal do verbo “*arquitetei*”. Por sua vez, no exemplo (108), o sujeito na oração principal é “A mídia”, enquanto na oração consecutiva o sujeito é “o Brasil”, por isso o sujeito da consecutiva é não correferencial, pois os sujeitos são distintos. E no exemplo (109) o sujeito da principal é retomado na oração consecutiva por meio do pronome pessoal “*eu*”.

No que diz respeito ao parâmetro **Forma Verbal**, as orações com **de maneira que** os resultados foram em 66,67% os verbos das consecutivas estão na forma finita, enquanto 33,33% tem seus verbos na forma não finita, como se vê nos exemplos, a seguir, após a tabela 10.

Tabela 10: Forma Verbal – de maneira que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	66,67	16
Não finita	33,33	8
Total de ocorrências analisadas		24

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(110) A fase de combate vai exigir um es-forço maior, **de maneira que** providencieei um aumento do efetivo no comandamento da operação. (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa) (Finito)

(111) A informação difundida pelo Journal já pode ser acessada pela comunidade empresarial global **de maneira que** um empresário em São Paulo, outro em Nova York, ou em Santiago do Chile, por exemplo, *possam ler* a mesma notícia (19N:Br:SP) (Não finito)

No exemplo (110), o verbo finito na consecutiva, “*providencie*”, tem como tempo e modo verbal Pretérito perfeito do indicativo. E no exemplo (111), o verbo não finito “*possam ler*” tem como tempo e modo Presente do subjuntivo + infinitivo.

De modo que

Com relação às orações consecutivas iniciadas por **de modo que**, quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade**, essas apresentaram tipos de segunda ordem, em 80,79% das ocorrências; tipos de entidade de terceira ordem, em 19,21% dos dados. Tipos de entidade de quarta ordem não ocorreram nesse corpús, como exposto na tabela 11.

Tabela 11: Tipo de Entidade – de modo que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	80,79	122
3ª Ordem	19,21	29
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		151

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(112) Uma tão vulgar preocupação pauta toda a vida intelectual da sociedade bruzundanguense, **de modo que**, nas salas, nos salões, nas festas, o tema geral dos comensais é a política; (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(113) Eu praticamente desenho meus livros antes de escrevê-los, **de modo que**, quando me sento para escrever, já o conheço de cor. Não funciono muito na base da inspiração, não. (19Or:Br:Intrv:ISP) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

Tipos de entidade de segunda ordem designam estado de coisas, sendo avaliados quanto a sua realidade, qualificados quanto a tempo, frequência e lugar. Nos exemplos acima, o tempo é usado para avaliar o estado de coisas. Por sua vez, as entidades de terceira ordem só podem ser avaliadas em termos de sua verdade, e em termos de atitude do falante. Nesse sentido, é possível observar a atitude do falante por meio de modificadores atitudinais, como no exemplo (113) “*quando me sento para escrever, já o conheço de cor*”.

Os resultados, quanto ao parâmetro **Referência Temporal**, demonstraram que as orações consecutivas com **de modo que**, em 95, 37%, ocorrem com RTD, e 4,63% com RTI. Como se vê na Tabela 12, a seguir:

Tabela 12: Referência Temporal – de modo que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	4,63	144
Referência Temporal Dependente (RTD)	95,37	7
Total de ocorrências analisadas		151

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(114) Ele ficou a me olhar, de boca entreaberta, sorriu, riu mais, **de modo que** o riso lhe tomou todo o rosto vermelho, e apertou--me contra o peito, longamente, carinhosamente. (19:Fic:Br:Montello:Noite) (RTD)

(115) Nela, há a literatura oral e popular de cânticos, hinos, modinhas, fábulas, etc; mas todo esse folk-lore não tem sido coligido e escrito, **de modo que**, dele, pouco lhes posso comunicar. (19:Fic:Br:Barreto:Bruz...) (RTI)

Como se vê no primeiro exemplo (114), os fatos descritos na oração consecutiva ocorrem como consequência dos fatos descritos na oração principal, e com isso apresentam sua referência temporal dependente. Em (115), os eventos da oração principal e da oração consecutiva ocorrem ao mesmo tempo. Ao contrário do que ocorre nas orações com RTD, as orações com RTI, como se pode notar, não descrevem eventos que ocorrem de maneira simultânea, e com isso a oração consecutiva não apresenta dependência temporal com relação à oração principal.

Nos dados das orações com **de modo que**, os resultados demonstraram que, quanto ao parâmetro **Posição**, essas orações ocorreram em posição posposta, como se pode observar na tabela 13.

Tabela 13: Posição – de modo que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	151
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		151

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(116) Pondo os ovos espaçadamente, sem tempo de chocar isolados um a um e muito menos a ninhada toda, a irauína ficou obrigada, instintivamente, para salvar a prole, a botar o ovo no ninho alheio, **de modo que** vinguem todos os exemplares. (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas) (Posposta)

Nesse exemplo, assim como nos demais vistos até aqui, essas orações também ocorreram em posposição à oração nuclear, demonstrando, dessa forma, a relação de causa-consequência.

A análise por meio do parâmetro **Correferencialidade do Sujeito** demonstrou que na maioria dos dados, em 42,39% das ocorrências, essas orações apresentaram sujeito não correferencial, em 31,12% dos dados, sujeitos correferenciais por anáfora pronominal, e em 26,49% das ocorrências sujeitos correferenciais por anáfora zero. Como ilustra a tabela 14.

Tabela 14: Correferencialidade do Sujeito – de modo que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	31,12	47
Anáfora zero	26,49	40
Não correferencial	42,39	64
Total de ocorrências analisadas		151

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(117) Papai, com prudência e tino, soube aplicar seus recursos, **de modo que** as rumas de numerosas famílias de Alcântara não nos atingiram. (19:Fic:Br:Montello:Noite) (sujeito não correferencial)

No exemplo acima, a oração consecutiva apresenta sujeitos não correferenciais porque apresentam sujeitos distintos das orações principais. No exemplo (117), o sujeito “*Papai*” não pode ser recuperado a consecutiva tem seu próprio sujeito. Já no exemplo (118), abaixo, é possível notar, claramente, que o sujeito da principal é recuperado na consecutiva por meio do pronome pessoal “*ele*”: “*Sentou-se diante da registradora*” (principal) “**de modo que** só *ele* poderia abri-lo ou fechá-lo,” (consecutiva), como se vê:

(118) Sentou-se diante da registradora, onde eu me sentava, e mudou o segredo do cofre, mas não me comunicou qual era o novo, **de modo que** só ele poderia abri-lo ou fechá-lo, como se me desapropriasse de tudo que era meu. (19:Fic:Br:Guerra:Vila) (sujeito correferencial por anáfora pronominal)

No exemplo (119), a seguir, o sujeito da oração principal é recuperado pela desinência do verbo “*falava*”, como se pode observar:

(119) A voz de Aurélio era compatível com seu tamanho e ele tinha consciência disso, **de modo que** falava com o freio de mão puxado. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio) (sujeito correferencial por anáfora zero)

Por fim, quanto ao parâmetro **Forma Verbal**, os resultados demonstram que 64,24% das ocorrências apresentaram o verbo na forma finita, e 35,76% de verbos na forma não finita. Como se pode observar na tabela 15.

Tabela 15: Forma Verbal – de modo que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	64,24	97
Não finita	35,76	54
Total de ocorrências analisadas		151

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(120) Duas vezes por dia, o moinho trabalhava; ficava a cem passos do Hotel, **de modo que** nem sempre *incomodava* os seus hóspedes; (19:Fic:Br:Lins:Fiel) (Finito)

(121) Devia-se remediar essas discrepâncias e discordâncias **de modo que** não *fossemos apelar* para o duvidoso critério das propensões dos gregos que não o tinham firme (19:Fic:Br:Barreto:Urbana) (Não finito)

No exemplo (120), o verbo é “*incomodava*”, seu tempo e modo verbal é Pretérito imperfeito do indicativo. Já o verbo oração (121) está na forma não finita, “*fossemos apelar*”, está no Pretérito imperfeito do subjuntivo + infinitivo. Pela presença do infinitivo o verbo torna-se não finito.

De sorte que

As orações consecutivas com **de sorte que** apresentaram os seguintes resultados em relação ao parâmetro **Tipo de Entidade**: entidades de segunda ordem ocorreram em 75% dos dados, e as entidades de terceira ordem ocorreram em 25% dos dados. Como se observa na tabela 16.

Tabela 16: Tipo de Entidade – de sorte que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	75	21
3ª Ordem	25	7
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		28

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Para ilustrar os tipos de entidades seguem os exemplos:

(122) A sala de visitas era a parte menos usada e freqüentada da casa, **de sorte que** havia ali aquele silêncio parado, aquele aroma antigo tão peculiar aos museus. (19:Fic:Br:Verissimo:Resto) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(123) esses empregados também muitas..tao necessitados quanto aqueles outros que percebem salários mais reduzidos - ficam - naquela situação - de desigualdade..que eu acabei de expor - **de sorte que** eu estou convencido - de que se torna urgente - a reformulação da lei – (19Or:Br:LF:Recf) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

No exemplo (122) o estado de coisas pode ser avaliado em termos de lugar, que pode ser capturado por meio do advérbio de lugar “*ali*”. Já no exemplo (123), a oração consecutiva designa um conteúdo proposicional e é avaliada em termos de atitude do falante, por meio de modificadores atitudinais como “*eu estou convencido*”.

As orações consecutivas com **de sorte que**, quanto ao parâmetro **Referência Temporal**, ocorreram, em 53,58% com RTI, e em 46,42% com RTD, conforme se vê na tabela 17.

Tabela 17: Referência Temporal – de sorte que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	53,58	15
Referência Temporal Dependente (RTD)	46,42	13
Total de ocorrências analisadas		28

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Como se pode notar nos exemplos, a seguir:

(124) Era um chôro feio, de bôca aberta, **de sorte que** a baba que lhe escorria pelas comissuras dos lábios, se misturava com as lágrimas e juntas lhe entravam pelas barbas grisalhas. (19:Fic:Br:Verissimo:Tempo) (RTD)

(125) Minhas boas amigas, donas e donzelas, velhas e meninas, perdi o endereço de algumas de vós; outras.. rezemos-lhes por alma, estão mortas; **de sorte que** esta carta, de incerta direção,

pretende ir até as portas do céu, na ondulação do acaso e da saudade. (19:Fic:Br:Lopes:Donas) (RTI)

Como se vê no exemplo (124), os eventos descritos na oração consecutiva ocorrem ao mesmo tempo em que os eventos ocorrem na oração principal. Dessa forma, esses eventos da consecutiva apresentam-se como consequência necessária da principal, por isso ocorrem com RTD. Por outro lado, no exemplo (125), é possível notar que o evento descrito na oração consecutiva não apresenta uma consequência necessária do fato apresentado na oração principal. Com isso, a oração consecutiva apresenta-se como independente, temporalmente da oração principal, pois os eventos não ocorrem ao mesmo tempo.

Quanto ao parâmetro **Posição**, as orações consecutivas com **de sorte que**, assim como as demais orações, ocorreram em posição posposta à oração principal, como se vê na tabela 18.

Tabela 18: Posição – de sorte que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta		
Posposta	100	28
Intercalada		
Total de ocorrências analisadas		28

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(126) esses empregados também muitas..tao necessitados quanto aqueles outros que percebem salários mais reduzidos - ficam - naquela situação - de desigualdade..que eu acabei de expor - **de sorte que** eu estou convencido - de que se torna urgente - a reformulação da lei - (19Or:Br:LF:Recf) (Posposta)

A posição posposta dessa oração segue a relação icônica de causa-consequência. No exemplo (126), a consequência apresentada na oração “*eu estou convencido - de que se torna urgente - a reformulação da lei*” se relaciona com o fato apresentado na principal sobre a situação salarial dos empregados.

Com relação ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito**, as orações iniciadas por **de sorte que** apresentaram, na maioria dos dados, em 71,43% das ocorrências, sujeito não correferencial. Como se vê na tabela 19.

Tabela 19: Correferencialidade do Sujeito – de sorte que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	71,43	8
Anáfora zero	--	--
Não correferencial	28,57	20
Total de ocorrências analisadas		28

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplo:

(127) Em Canudos saberiam da estrada escolhida pare a linha de operações com antecedência bastante pare se fortificarem os seus trechos mais difíceis, **de sorte que**, reeditando o cave de Uauá, o alcance do arraial preestabelecia a preliminar de um combate em caminho. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoes) (Sujeito não correferencial)

Como se pode observar, a oração principal e a oração consecutiva apresentam sujeitos distintos, por isso, o sujeito da consecutiva não faz referência ao sujeito da principal. No exemplo (127), o sujeito oculto da oração nuclear se distingue do sujeito da consecutiva. Essas orações também apresentaram sujeitos correferenciais por anáfora pronominal, em 28,57% das ocorrências, como se vê:

(128) a empresa quando indica o preposto ela está correndo o risco - o risco da designação de uma pessoa - cujas declarações em juiz obrigarão - o preponente obrigarão a própria empresa - **de sorte que** se ela indicar - alguém como seu preposto que não tenha conhecimento da matéria de fato - evidentemente a empresa sofrerá - os prejuízos decorrentes - da ignorância daquele - que deveria esclarecer o juízo - (19Or:Br:LF:Recf) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

Nesse exemplo é possível notar que a correferencialidade por anáfora pronominal se dá por meio do pronome pessoal “*ela*” (oração consecutiva), que retoma o sujeito da oração principal a “*a empresa*”. Assim, “**de sorte que** se ela indicar - alguém como seu preposto” está retomando “*a empresa quando indica o preposto*”.

Quanto ao quinto parâmetro, **Forma Verbal**, os resultados das orações consecutivas com **de sorte que** mostraram que em 71,43% das ocorrências, os verbos estão na forma finita, e em 28,57% dos dados, os verbos são não finitos. Como se vê na tabela 20.

Tabela 20: Forma Verbal – de sorte que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	71,43	20
Não finita	28,57	8
Total de ocorrências analisadas		28

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(129) Firmara-se desde muito o princípio de combater o índio com o próprio índio, **de sorte que** cada aldeamento de catecúmenos *era* um reduto ante as incursões dos silvícolas soltos e indomáveis. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoos) (Finito)

(130) Sucede porém que a película vermelho-castanho envolvente do tubérculo é um contra-veneno do mesmo tóxico. **De sorte que** os bichos *ingerindo* a mandioca bruta como ela está na roça, sem a limparem do envólucro que a cobre, nada sentem porque essa casquinha os imuniza. (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas) (Não finito)

Em (129), o tempo e modo verbal do verbo “*era*” é Pretérito imperfeito do indicativo, o que torna o verbo finito. Já o exemplo (130), verbo não finito “*ingerindo*” está no gerúndio.

De tal forma que

Quanto às orações consecutivas iniciadas com **de tal forma que**, com relação ao parâmetro **Tipo de Entidade**, apresentaram 86,67% de tipos de entidade de segunda ordem, e 13,33% de entidades de terceira. Os tipos de entidade podem ser observados na tabela 21.

Tabela 21: Tipo de Entidade – de tal forma que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	86,67	13
3ª Ordem	13,33	2
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		15

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(131) Só via aquele vulto escuro, tão discreto, tão silencioso, a se mover **de tal forma que** nem o ar se deslocava em torno. (19:Fic:Br:Penna:Menina) (**Tipo de entidade**: segunda ordem)

(132) Tenho ganas de te ajudar em teu empreendimento, **de tal forma que** havemos de ser, senão príncipes, pelo menos os senhores mais ricos desta terra. (19:Fic:Br:Queirós:Muralha) (Tipo de entidade: terceira ordem)

Entidades de segunda ordem designam um estado de coisas, e como se pode notar no exemplo (131), a consecutivas designa um estado de coisas que pode ser avaliado em termos de realidade, qualificado quanto a tempo e espaço. Por sua vez, tipos de entidade de terceira ordem designam conteúdos proposicionais, sendo construto mental do falante, e por isso dependente deste. Com isso, é possível observar no exemplo (132), modificador atitudinal que identificam a atitude do falante na proposição, como “*havemos de ser*”.

Essas orações, quanto ao parâmetro **Referência Temporal**, ocorreram com RTD, como se observa na tabela 22.

Tabela 22: Referência Temporal – de tal forma que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	--	--
Referência Temporal Dependente (RTD)	100	15
Total de ocorrências analisadas		15

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(133) Uma primeira leitura do roteiro poderia indicar que ela é uma prostituta que encontra um cara rígido, moralista e o perturba **de tal forma que** ele tem de matá-la. (19Or:Br:Intrv:ISP) (RTD)

(134) Seria um verdadeiro sacrilégio, e os dedos de ambas tremiam **de tal forma que** decerto tudo cairia por terra (19:Fic:Br:Penna:Menina) (RTD)

Como se vê nos exemplos, a referência temporal dependente da oração consecutiva é percebida porque ela se realiza como consequência necessária do evento descrito na oração principal. Como no exemplo (133), o fato de ele ter que matá-la é consequência do fato dela o perturbá-lo. Em (134), o fato de tudo poder cair por terra é consequência do fato de ambas tremerem.

A análise por meio do parâmetro **Posição** revelou que as orações iniciadas por **de tal forma que** ocorreram em posição posposta à oração principal, como se vê na tabela 23.

Tabela 23: Posição – de tal forma que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	15
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		15

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(135) Apesar disso ainda o trazia pelo beijo, **de tal forma que** só por amor dela ele se sujeitava ao papel de leva-e-trás. (19:Fic:Br:Queirós:Galo) (Posposta)

(136) A publicidade deve ser veiculada **de tal forma que** o consumidor, fácil e imediatamente, a identifique como tal. (19Ac:Br:Enc) (Posposta)

Nesses exemplos também é possível observar, quanto à posição da consecutiva, a relação de causa na oração principal, e a consequência na consecutiva.

Quanto ao quarto parâmetro de análise, **Correferencialidade do Sujeito**, os resultados foram os seguintes: em 40% das ocorrências essas orações apresentaram sujeitos correferenciais por anáfora pronominal, mas em 40% dos dados ocorreram com sujeitos não correferenciais, e em 20% dos dados com sujeitos correferenciais por anáfora zero. Como se pode observar na tabela 24.

Tabela 24: Correferencialidade do Sujeito – de tal forma que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	40	6
Anáfora zero	20	3
Não correferencial	40	6
Total de ocorrências analisadas		15

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(137) A publicidade deve ser veiculada **de tal forma que** o consumidor, fácil e imediatamente, a identifique como tal. (19Ac:Br:Enc) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

(138) Geralmente, as células estão completamente tomadas pelo seu produto de armazenamento, **de tal forma que** o vacúolo está ausente (19Ac:Br:Enc) (Sujeito não correferencial)

(139) Ainda não sabemos ao certo os produtos que serão usados para compor a cesta, mas ela *está sendo* elaborada **de tal forma que**, quando estiver completa, *teremos* uma referência de qual seria o preço mínimo para que as pessoas se alimentassem e tivessem uma nutrição ideal (19N:Br:PA) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

No exemplo (137), o sujeito da oração principal é retomado na oração consecutiva por meio da anáfora pronominal, em que o sujeito “*a publicidade*” é identificado na consecutiva pelo pronome oblíquo “*a*”. Por outro lado, no exemplo (138), as duas orações apresentam sujeitos distintos, por isso não podem ser identificados. No exemplo (139), o sujeito oculto da oração principal “*sabemos*” pode ser identificado na oração consecutiva por meio da desinência do verbo “*teremos*”.

Por fim, com relação ao parâmetro **Forma Verbal**, os resultados mostraram que 73,34% das ocorrências apresentaram verbos na forma finita, e 26,66% de verbos não finitos, como se vê na tabela 25.

Tabela 25: Forma Verbal – de tal forma que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	73,34	11
Não finita	26,66	4
Total de ocorrências analisadas		15

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(140) Seria um verdadeiro sacrilégio, e os dedos de ambas tremiam **de tal forma que** decerto tudo *cairia* por terra (19:Fic:Br:Penna:Menina) (Finito)

(141) Tenho ganas de te ajudar em teu empreendimento, **de tal forma que** *havemos de ser*, senão príncipes, pelo menos os senhores mais ricos desta terra. (19:Fic:Br:Queirós:Muralha) (Não finito)

Como se vê, o verbo do exemplo (140) é “*cairia*”, que tem como tempo e modo verbal: Futuro do pretérito do indicativo. Já no exemplo (141), o verbo que figura na oração consecutiva é um verbo não finito, pois está no infinitivo.

De tal maneira que

Nos dados das orações com **de tal maneira que**, quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade**, os resultados demonstraram que essas orações ocorreram, em sua maioria,

como entidade de segunda ordem, em 89,48% das ocorrências. Bem como também ocorreram como entidades de terceira ordem, em 5,26% dos dados. Apresentaram também tipo de entidade de quarta ordem, em 5,26% dos dados. Como se pode observar na tabela 26.

Tabela 26: Tipo de Entidade – de tal maneira que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	89,48	17
3ª Ordem	5,26	1
4ª Ordem	5,26	1
Total de ocorrências analisadas		19

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(142) como eu disse a vocês inicialmente a ocupação se deu na acrópole - e a partir daí desceu pelas encostas para a planície.. **de tal maneira que**: a vida que agora se organizava na planície - tinha como ponto de referência vertical - a acrópole - (19Or:Br:LF:Recf) (**Tipo de entidade**: segunda ordem)

(143) Vou cada vez melhor nos estudos. Concentrei-me neles **de tal maneira que** hoje leio e falo francês com extrema facilidade. (19:Fic:Br:Olinto:Tempo) (**Tipo de entidade**: terceira ordem)

(144) então - você tem que ter coisas (conexando) o início e fim da linha - porque você não consegue concentrar uma massa num ponto que seria no início da linha e - depois soltar essa massa noutro ponto e tudo bem - você tem que ter uma malha uma rede - **de tal maneira que** isso fique - mais (discretizado) né? (19Or:Br:LF:SP) (**Tipo de entidade**: quarta ordem)

No exemplo (142) tem-se de uma oração com tipo de entidade de segunda ordem. Como entidade de segunda ordem, essa oração designa um estado de coisas, que no exemplo, pode qualificado quanto a tempo e espaço. O estado de coisas é qualificado quanto a tempo e pode ser identificado por meio do advérbio de tempo “*agora*”, mas também pode ser qualificado quanto a espaço, “*a vida que agora se organizava na planície - tinha como ponto de referência vertical - a acrópole*”. Já o exemplo (143) apresenta um tipo de entidade de terceira ordem. Como construto mental do falante, as entidades de terceira ordem são dependentes do falante e por isso aceitam um modificador atitudinal, que no exemplo pode ser identificado na expressão “*leio e falo*”. Por fim, no exemplo (144) tem-se um tipo de entidade de quarta ordem, e como

entidades de quarta ordem designam um ato de fala e podem ser qualificados em termos de informatividade. Além disso, as entidades de quarta ordem aceitam um modificador ilocucionário, que no exemplo acima, é identificado por meio da interrogativa e do operador discursivo “né”.

Quanto ao parâmetro **Referência Temporal**, as orações com **de tal maneira que**, em 89,48% dos dados, ocorreram com RTD e em 10,52% com RTI. Como se pode observar na tabela 27.

Tabela 27: Referência Temporal – de tal maneira que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	10,52	2
Referência Temporal Dependente (RTD)	89,48	17
Total de ocorrências analisadas		19

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(145) Ele prendia a respiração, estufava a barriga **de tal maneira que** ela ficava como um tambor, impenetrável, resistia aos golpes dos voluntários (19:Fic:Br:Cony:Piano) (RTD)

(146)- Belo Horizonte então hoje - se espalhou e - cresceu **de tal maneira que** eles não tiveram condição mais de seguir aquela planificação original - (19Or:Br:LF:SP) (RTI)

Assim como das demais orações que ocorreram com RTD, no exemplo (145) é possível notar que essas orações ocorrem com RTD, pois tem sua consequência como necessária com relação aos eventos apresentados na oração principal. Por sua vez, no exemplo (146), os eventos descritos na oração consecutiva são temporalmente independentes da oração principal, e não se realizam de maneira simultânea.

Quanto ao parâmetro **Posição**, as orações com **de tal maneira que** ocorreram em posição posposta à oração principal, como se vê na tabela 28.

Tabela 28: Posição – de tal maneira que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	19
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		19

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(147) Esta energia mantém nosso planeta vivo **de tal maneira que** chega a ser assustador. (19Ac:Br:Enc) (Posposta)

(148) No dia seguinte o grupo em frente à casa crescera **de tal maneira que** chegava a ser uma pequena multidão, (19:Fic:Br:Olinto:Trono) (Posposta)

Como se vê, as orações consecutivas mantêm uma relação icônica com a oração principal, por isso, a consequência presente na consecutiva vem depois da causa na oração principal. No exemplo (148), o fato de se ter uma pequena multidão é consequência do crescimento do grupo em frente à casa.

O penúltimo parâmetro, **Correferencialidade do Sujeito**, demonstrou que as orações com **de tal maneira que** apresentaram em 36,85% das ocorrências, a maioria dos dados, as orações apresentaram sujeito não correferencial, em 36,84% ocorreram com sujeito correferencial por anáfora zero. Como se pode observar na tabela 29.

Tabela 29: Correferencialidade do Sujeito – de tal maneira que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	--	--
Anáfora zero	36,85	7
Não correferencial	63,15	12
Total de ocorrências analisadas		19

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(149) Ela observou o ma-rido **de tal maneira que** Deucalião percebeu que aquele assunto tinha sido longamente debatido entre ambos. (19:Fic:Br:Holanda:Burro) (Sujeito não correferencial)

(150) No dia seguinte o grupo em frente à casa crescera **de tal maneira que** chegava a ser uma pequena multidão, (19:Fic:Br:Olinto:Trono) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

No exemplo (149) é possível notar que o sujeito da oração principal não é retomado em nenhum momento na oração consecutiva, isto porque, as orações apresentam sujeitos distintos, que não compartilham a mesma identidade, ou seja, o sujeito “Ela” não é retomado na consecutiva. Já no exemplo (150) pode-se perceber que o sujeito da oração principal tem sua referência na oração consecutiva, em que o sujeito “o grupo” é identificado na oração consecutiva por meio da desinência verbal.

Quanto ao parâmetro **Forma Verbal**, as orações com **de tal maneira que** apresentaram os seguintes resultados: 78,95% dos dados apresentaram verbos finitos, e em 21,05% das ocorrências com verbos não finitos. Como se vê na tabela 30.

Tabela 30: Forma Verbal – de tal maneira que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	78,95	15
Não finita	21,05	4
Total de ocorrências analisadas		19

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(151) Ela observou o ma-rido **de tal maneira que** Deucalião *percebeu* que aquele assunto tinha sido longamente debatido entre ambos. (19:Fic:Br:Holanda:Burro) (Finito)

(152) Esta energia mantém nosso planeta vivo **de tal maneira que** *chega a ser* assustador, (19Ac:Br:Enc) (Não finito)

No exemplo (151) o tempo e modo do verbo “*percebeu*” é Pretérito perfeito do indicativo, por isso torna-se um verbo finito. Enquanto no exemplo (152) o verbo que figura na oração consecutiva é não finito, pois, está na forma infinitiva.

De tal modo que

Por fim, as orações com **de tal modo que**, quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade**, apresentaram, em 90,48% das ocorrências, entidades de segunda ordem, e em 9,52% dos dados entidades de terceira ordem. Nesse cópuz não ocorreram entidades de quarta ordem. Como se pode observar na tabela 31.

Tabela 31: Tipo de Entidade – de tal modo que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	90,48	19
3ª Ordem	9,52	3
4ª Ordem		
Total de ocorrências analisadas		21

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(153) As missões também poderiam ser planejadas **de tal modo que** uma tripulação, subindo ao espaço em uma nave, poderia voltar à Terra em outra. (19Ac:Br:Enc) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(154) Quando eu voltei a Belo Horizonte, já estavam aqui o Paolucci (Alberto) e o Douglas (Andrade). Mas eles não se interessavam tanto pela clínica, **de tal modo que**, efetivamente, o primeiro a se lançar fui eu. (19Or:Br:Intrv:Web) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

No primeiro exemplo (153), o tipo de entidade designado na consecutiva é de segunda ordem, pois, o estado de coisas pode ser qualificado em termos de lugar/espaço. Assim, no exemplo (153), lugar pode ser identificado por meio da expressão “*voltar à Terra*”. Por sua vez, o exemplo (154) apresenta um tipo de entidade de terceira ordem que designa uma proposição. Nesse exemplo, a proposição é avaliada em termos de atitude do falante, identificada por meio de modificador atitudinal como “*o primeiro a se lançar fui eu*”.

Com relação ao parâmetro **Referência Temporal**, as orações com **de tal modo que** apresentaram, em 57,15% das ocorrências, RTD, e 42,85% de RTI. Como se vê na tabela 32.

Tabela 32: Referência Temporal – de tal modo que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	42,85	9
Referência Temporal Dependente (RTD)	57,15	12
Total de ocorrências analisadas		21

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(155) O objetivo disso era de que a pintura fornecesse elementos para a mente e não simplesmente deslumbrasse os olhos **de tal modo que** impedisse o raciocínio. (19Ac:Br:Enc) (RTD)

(156) Avisado de que a decisão era ilegal, readmitiu todo mundo perante o SNT, sigilosamente. Ou seja, resolveu o problema dele (com um equipe fictícia) e sem autorização de ninguém, **de tal modo que** oficialmente passamos a ser solidários com seus atos. (19Or:Br:Intrv:Web) (RTI)

No exemplo (155) é possível observar que os eventos descritos na oração consecutiva são consequências dos eventos descritos na oração principal. Além disso, os eventos descritos ocorrem de maneira simultânea em todas as orações. O evento descrito na consecutiva “**de tal modo que** impedisse o raciocínio” é consequência

necessária de “*O objetivo disso era de que a pintura fornecesse elementos para a mente e não simplesmente deslumbrasse os olhos*”. De maneira diferente, no exemplo (156), nota-se que a oração consecutiva não se realiza simultaneamente ao evento da oração principal, por isso sua referência é temporalmente independente.

Na análise por meio do parâmetro **Posição**, as consecutivas com **de tal modo que** ocorreram em posição posposta à oração núcleo, como se observa na tabela 33.

Tabela 33: Posição – de tal modo que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	21
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		21

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(157) Uma delas pode ser o posicionamento dos ombros e braços **de tal modo que** as mãos se tornem adequadamente orientadas para executar uma ação específica. (19Ac:Br:Enc) (Posposta)

(158) No início do século, a doença assolava a América Central e a do Sul **de tal modo que** algumas regiões eram consideradas inabitáveis. (19Ac:Br:Enc) (Posposta)

Mais uma vez a relação de iconicidade pode ser vista nos exemplos, em que a consequência apresentada na oração consecutiva vem depois da causa na oração principal, mantendo assim a relação de causa-consequência.

Na análise das orações consecutivas com **de tal modo que**, quanto ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito**, os resultados demonstraram que: 42,86% das ocorrências, a maioria, apresentaram sujeitos não correferenciais, em 33,33% as orações apresentaram sujeitos correferenciais por anáfora zero e 23,81% essas orações ocorreram com sujeito correferencial por anáfora pronominal. Como se vê na tabela 34.

Tabela 34: Correferencialidade do Sujeito – de tal modo que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	23,81	5
Anáfora zero	33,33	7
Não correferencial	42,86	9
Total de ocorrências analisadas		21

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(159) As missões também poderiam ser planejadas **de tal modo que** uma tripulação, subindo ao espaço em uma nave, poderia voltar à Terra em outra. (19Ac:Br:Enc) (sujeito não correferencial)

(160) Elas se entusiasmam **de tal modo que** esquecem todas as conveniências. (19:Fic:Br:Barreto:Urbana) (sujeito correferencial por anáfora zero)

(161) Estavam embuçadas em mantilhas enroladas sobre os vestidos, **de tal modo que** pouco se lhes viam as faces. (19:Fic:Br:Queirós:Muralha) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

Em (159), na oração consecutiva não há referência ao sujeito expresso na oração principal, pois, as orações apresentam sujeitos distintos, que não compartilham a mesma identidade, o sujeito da principal é “*As missões*”, enquanto da consecutiva é “*uma tripulação*”.

Com relação ao parâmetro **Forma Verbal**, nas consecutivas com **de tal modo que**, os resultados demonstraram que: em 52,39% os verbos ocorreram na forma não finita, e em 47,61% os verbos estão na forma finita, como se vê na tabela 35.

Tabela 35: Forma Verbal – de tal modo que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	47,61	10
Não finita	52,39	11
Total de ocorrências analisadas		21

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(162) O ministro ressaltou ainda que a imprensa fez o cálculo ostensivo dos vencimentos dos ministros do tribunal em R\$ 10,8 mil, " **de tal modo que** a opinião pública *estava sendo levada* a crer que este valor era o que estava na emenda. (19N:Br:SP) (Não finito)

(163) Era apenas parte de um processo que se iniciara há muito tempo, ao longo do qual sua vida afetiva fora se compartimentando **de tal modo que** a maioria das pessoas *ocupava* escaninhos cada vez menores. " (19:Fic:Br:Amaral:Amigos) (Finito)

No exemplo (162), o verbo da oração consecutiva apresenta forma não finita. Assim, têm-se uma locução verbal formada por Pretérito imperfeito do indicativo + gerúndio + participio, em que “*estava sendo*” serve como auxiliar do participio

“levada”. Já o exemplo (163), o verbo está em sua forma finita no Pretérito imperfeito do indicativo.

5.2. Orações consecutivas correlativas

As orações consecutivas correlativas são orações interdependentes quanto ao seu grau de vinculação com a oração principal. Assim como na análise das orações consecutivas subordinadas, a análise das consecutivas seguirá conforme descrito na Metodologia, de acordo com os parâmetros estabelecidos.

Tal... que

O primeiro tipo de oração consecutiva correlativa, com antecedente **tal**, apresentou, com relação ao primeiro parâmetro de análise, **Tipo de Entidade**, os seguintes resultados quanto ao tipo de entidade: 86,85% de ocorrências com tipo de entidade de segunda ordem, e 13,15% de terceira ordem. Nos dados analisados não ocorreram tipos de entidade de quarta ordem. Como se observa na tabela 36.

Tabela 36: Tipo de Entidade – tal... que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	86,85	33
3ª Ordem	13,15	5
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		38

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(164) Mas o jornal tinha um **tal** capital de credibilidade **que** ele vive até hoje disso. (19Or:Br:Intrv:Web) (**Tipo de entidade**: segunda ordem)

(165) Foi aí, que comecei a atuar também na área do jornalismo, abrindo meus horizontes e criando uma situação **tal que**, de lá para cá, não pude mais ser cortado. (19Or:Br:Intrv:Web) (**Tipo de entidade**: terceira ordem)

No exemplo (164), a oração consecutiva designa um estado de coisas, em que o advérbio de tempo “*hoje*” qualifica o estado de coisas na oração consecutiva quanto a tempo. Já o exemplo (165) o tipo de entidade na consecutiva é um tipo de terceira ordem que designa um conteúdo proposicional, no qual é possível perceber a atitude do falante, como em “*não pude mais ser cortado*”.

O segundo parâmetro de análise, **Referência Temporal**, as orações com antecedente **tal** apresentaram os seguintes resultados: 84,21% com RTD e 15,79% com RTI. Como se pode ver na tabela 37.

Tabela 37: Referência Temporal – tal... que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	15,79	6
Referência Temporal Dependente (RTD)	84,21	32
Total de ocorrências analisadas		38

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(166) Hoje, na maioria dos jornais, com exceção de alguns casos especiais, os salários são de **tal** ordem **que** o jornalista tem que se virar, tem que fazer outra coisa. (19Or:Br:Intrv:Web) (RTD)

(167) Foi aí, que comecei a atuar também na área do jornalismo, abrindo meus horizontes e criando uma situação **tal** que, de lá para cá, não pude mais ser cortado. (19Or:Br:Intrv:Web) (RTI)

Como se vê no exemplo, a oração se realiza com RTD pelo fato de apresentar-se como consequência necessária dos eventos ou fatos da oração principal. Como em (166), o fato de os jornalistas terem que fazer outra coisa é consequência dos salários serem ruins. Por outro lado, o exemplo (167), a oração se realiza com RTI, pois o evento descrito na consecutiva não se realiza simultaneamente ao evento da oração principal.

Quanto ao terceiro parâmetro, **Posição**, as orações com **tal** apresentaram posição posposta à oração principal, como se vê na tabela 38.

Tabela 38: Posição – tal... que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	38
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		38

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(168) À simples evocação de Dulcinha, porém, reavivara-se seu amor por esta, com **tal** ímpeto **que** imediatamente ansiou tê-la nos braços. -(19:Fic:Br:Carvalho:Somos) (Posposta)

(169) Ai, que morro - queixava-se ele, com **tal** expressão de sofrimento, **que** assustou a criada. - (19:Fic:Br:Carvalho:Somos) (Posposta)

Como se pode observar nos exemplos acima, nessas orações a posição da oração consecutiva está relacionada ao fato de que a causa vem antes da consequência. Como em (168) “À simples evocação de Dulcinha, porém, reavivara-se seu amor por esta, com **tal** ímpeto” (causa), “**que** imediatamente ansiou tê-la nos braços.” (consequência).

Quanto ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito**, as orações com o antecedente **tal** demonstraram que em 44,74% dos dados ocorreram com sujeito não correferencial, em 28,95% das ocorrências sujeitos correferenciais por anáfora zero e em 26,31% dos dados, sujeito correferencial por anáfora pronominal. Como se observa na tabela 39.

Tabela 39: Correferencialidade do Sujeito – tal... que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	26,31	10
Anáfora zero	28,95	11
Não correferencial	44,74	17
Total de ocorrências analisadas		38

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(170) Foi **tal** o alívio dos rodeienses de ficar sabendo o que era " tauomaníaco ", **que** a segunda parte do nome do Gran Circo ficou sem explicação (19:Fic:Br:Cony:Piano) (Sujeito não correferencial)

(171) De segundo em segundo, a hélice disparava com **tal** violência **que** transmitia a impressão de se haver espantado. (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

(172) Raul olhava-a com tanto ardor, **tal** desejo de possuí-la, **que** ninguém lhe venceria a obstinação. (19:Fic:Br:Carvalho:Somos) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

No exemplo (170), o sujeito da oração consecutiva não compartilha a mesma identidade do sujeito da oração principal, são sujeitos distintos. No exemplo (171), o sujeito da oração nuclear é retomado na consecutiva por meio da desinência verbal, no caso, a desinência do verbo “*transmitia*”. Já no exemplo (172), a anáfora pronominal que retoma o sujeito da primeira oração, é o pronome oblíquo “*lhe*”, que recupera o sujeito “*Raul*”.

O próximo parâmetro de análise é a **Forma Verbal** que figura na oração consecutiva. Os resultados demonstraram que as orações com o antecedente **tal** que em 78,95% dos dados essas orações apresentaram verbos finitos, e em 21,05% apresentaram verbos não finitos, como se vê na tabela 40.

Tabela 40: Forma Verbal – tal... que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	78,95	30
Não finita	21,05	8
Total de ocorrências analisadas		38

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(173) O calor dos corpos e o hálito quente dos dois haviam embaçado o vidro dianteiro do carro, no qual, durante a conversa, o detetive escrevera palavras numa **tal** superposição **que** o desenho resultante *parecia* um rendado. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio) (Finito)

(174) Não sei se você sabe, mas Rafael Rabello tinha **tal** intimidade com o violão **que** *foi enterrado* com ele. (19Or:Br:Intrv:Tar) (Não finito)

No primeiro exemplo (173), o verbo finito “*parecia*” está no Pretérito imperfeito do indicativo. Já no exemplo (174), o verbo da oração consecutiva é não finito, composto por uma locução verbal (pretérito perfeito do indicativo + particípio). Nesse caso, o verbo “*foi*” perde seu significado pleno e passa a funcionar como auxiliar do verbo “*enterrado*”.

Tanto... que

O segundo tipo de oração consecutiva correlativa é que apresenta o antecedente **tanto**. Essas orações quanto ao parâmetro **Tipo de Entidade** demonstraram os

seguintes resultados: 82,06% de entidades de segunda ordem, e 17,94% de entidades de terceira ordem. Como se pode observar na tabela 41.

Tabela 41: Tipo de Entidade – tanto... que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	82,06	32
3ª Ordem	17,94	7
4ª Ordem	--	--
Total de ocorrências analisadas		39

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(175) E **tanto** a peça agradou, aplaudida da frisa, camarotes e torrinhas, **que** dia seguinte houve reprise. (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(176) Comecei a pintar, como qualquer outra criança, aos 4 anos de idade. Contudo, já naquela época, trabalhava com tinta a óleo, **tanto que** fiz minha primeira exposição num museu no Japão, aos 10 anos. (19Or:Br:Intrv:Tar) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

No exemplo (175) o estado de coisas é qualificado quanto a tempo “*dia seguinte*”. Por sua vez, no exemplo (176) a proposição é avaliada quanto a atitude do falante, identificado por meio de modificador atitudinal, como em “*fiz minha primeira exposição num museu no Japão, aos 10 anos*”.

Com relação ao parâmetro **Referência Temporal**, As orações consecutivas com o antecedente **tanto** apresentaram, em 76,93% das ocorrências, RTD, e 23,07% RTI. Como ilustrado na tabela 42.

Tabela 42: Referência Temporal – tanto... que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	23,07	9
Referência Temporal Dependente (RTD)	76,93	30
Total de ocorrências analisadas		39

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014

Exemplos:

(178) A cabeça lhe pesava **tanto que** mal podia ter as pálpebras abertas. (19:Fic:Br:Peixoto:Chamada) (RTD)

(179) Isso já não é verdade com a abertura econômica, **tanto que** até a indústria paulista de autopeças passa por uma internacionalização e a presença de componentes importados é cada vez maior. (19Or:Br:Intrv:ISP) (RTI)

Como já dito anteriormente, as orações que se realizam com RTD são orações que apresentam consequência necessária da oração principal, e seu evento é necessariamente simultâneo ao evento descrito na oração principal. Por outro lado, as orações que se realizam com RTI os eventos descritos na oração consecutiva não ocorrem ao mesmo tempo em que os eventos da oração principal, por isso, sua referência é temporalmente independente da oração nuclear.

Quanto a **Posição** das orações com o antecedente **tanto**, os resultados mostraram que essas são pospostas à oração núcleo, como se vê na tabela 43.

Tabela 43: Posição – tanto... que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	39
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		39

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(180) Mas na hora H, ficou resfolegando **tanto que** eu até estranhei. (19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos) (Pospota)

(181) Desse jeito pensando, Duda foi andando, andando, andando **tanto que** quando se deu conta já estava na baixa da lagoa, no meio do Cercado Grande. (19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos) (Posposta)

Assim como nas outras orações, as consecutivas com o antecedente **tanto** também ocorreram em posposição, revelando assim, a relação icônica entre significados de causa-consequência, em que a causa vem na primeira oração e a consequência em seguida.

Já as orações consecutivas com o antecedente **tanto**, quanto ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito**, demonstraram os seguintes resultados: em 53,85%, a maioria dos dados, essas orações apresentaram sujeito correferencial por anáfora zero; em 30,77% ocorreram com sujeitos correferenciais por anáfora pronominal e em 15,38% dos dados com sujeito não correferencial. Como se observa na tabela 44.

Tabela 44: Correferencialidade do Sujeito – tanto... que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	30,77	12
Anáfora zero	53,85	21
Não correferencial	15,38	6
Total de ocorrências analisadas		39

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(182) Juca Vilanova empalideceu **tanto que** ficou todo da cor dos poucos pêlos brancos que tinha no cabelo e na barba. (19:Fic:Br:Callado:Madona) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

(183) Argemiro identificara-se **tanto** com a sogra nesse sentimento, **que** para ele era como se Maria estivesse longe (19:Fic:Br:Lopes:Intrusa) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

(184) Eu não me deixei contaminar pelo bairro e eu me ligava muito naqueles punks do subúrbio do Rio, que faziam shows no subúrbio, **tanto que** os shows do Dorsal eram sempre no subúrbio: (19Or:Br:Intrv:Web) (Sujeito não correferencial)

No exemplo (182), o sujeito da oração principal é percebido na consecutiva por meio da desinência verbal. Assim, o sujeito “*Juca Vilanova*” é recuperado por meio da desinência do verbo “*ficou*”. Já no exemplo (183), o sujeito da nuclear é recuperado na consecutiva por meio de um pronome, no caso, o sujeito da principal “*Argemiro*” é recuperado na consecutiva pelo pronome pessoal “*ele*”. Por fim, no exemplo (184), o sujeito da oração principal “*Eu*” não tem nenhuma referência com a oração consecutiva. Ou seja, essas orações apresentam sujeitos diferentes, em que não há compartilhamento de identidade entre eles.

Quanto ao parâmetro **Forma Verbal**, As orações consecutivas com o antecedente **tanto** mostraram que: 87,18% dos dados ocorreram com verbos na forma finita, enquanto 12,82% ocorreram com verbos não finitos. Como se vê na tabela 45.

Tabela 45: Forma Verbal – tanto... que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	87,18	34
Não finita	12,82	5
Total de ocorrências analisadas		39

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Observe os exemplos, a seguir:

(185) Entendo que a vice-presidência é uma, como o de vice-prefeito, expectativa de cargo, **tanto que** não é um cargo da mesa. (19Or:Br:Intrv:Cid) (Finito)

(186) O cineasta inspira **tanto** respeito **que** a Palma de Ouro para ele não *está descartada*. (19N:Br:SCat) (Não finito)

No exemplo (185) o verbo finito “é” está Presente do indicativo. Já no exemplo (186), o verbo não finito forma uma locução verbal “*está descartada*”, em que o verbo “*está*” perde seu significado e passa a funcionar como um auxiliar do verbo “*descartada*” que está no participípio.

Tão... que

Por fim, as consecutivas correlativas com o antecedente **tão**, com relação ao parâmetro **Tipo de Entidade**, apresentaram os seguintes resultados, com relação ao tipo de entidade: 75% ocorreram com tipo de entidade de segunda ordem, 17,86% como entidades de terceira ordem e 7,14% com entidades de quarta ordem. Como ilustrado na tabela 46.

Tabela 46: Tipo de Entidade – tão... que

Tipo de Entidade	Percentual (%)	Total
2ª Ordem	75	63
3ª Ordem	17,86	15
4ª Ordem	7,14	6
Total de ocorrências analisadas		84

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(187) Sua idéia era que as pessoas já estão **tão** condicionadas pelo muro de Berlin, **que** mesmo o muro tendo desaparecido elas continuam a carregá-lo como tantas imagens petrificadas. (19Or:Br:Intrv:Web) (**Tipo de entidade:** segunda ordem)

(188) É uma coisa **tão** fantástica, **que** eu não posso guardar só para mim. (19Or:Br:Intrv:Cid) (**Tipo de entidade:** terceira ordem)

(189) então quando ela chega - eu já tô dormindo - a minha mae eu só vejo - quando saio - nas carreiras - e de noite é que eu faço companhia a ela - mas eu já chego **tão** cansada -

tão aborrecida - **tão** cheia de problemas - **que** não dá pra dialogar - entende? (19Or:Br:LF:Recf) (**Tipo de entidade:** quarta ordem)

O estado de coisas no exemplo (187) é qualificado quanto a tempo, como se vê “**que** mesmo o muro tendo desaparecido elas continuam a carregá-lo como tantas imagens petrificadas”. Por sua vez, o conteúdo proposicional é avaliado em termos de verdade, e são dependentes do falante, como se vê no exemplo (188) “*não posso guardar só para mim*”. Já Os tipos de entidade de quarta ordem designam um ato de fala, e como ato de fala, essas orações permitem modificadores ilocucionário. No exemplo (189), a interrogativa representa a força ilocucionária na oração.

Com relação ao parâmetro **Referência Temporal**, as orações com **tão** se realizaram, em 51,19% das ocorrências, com RTD, e em e 48,81% dos dados ocorreram com RTI. Como se vê na tabela 47.

Tabela 47: Referência Temporal – tão... que

Referência Temporal	Percentual (%)	Total
Referência Temporal Independente (RTI)	48,81	41
Referência Temporal Dependente (RTD)	51,19	43
Total de ocorrências analisadas		84

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(190) Mas a idéia dessa paixão era **tão** ridícula **que** Clara a afastou com violência. (19:Fic:Br:Cardoso:Dias) (RTD)

(191) mas o apreço que tenho a esta casa - é **tão** grande - **tão** vinculado me sinto - à ordem dos advogados de Pernambuco - **que** não poderia deixar de atender - à convocação - " que me foi feita " (19Or:Br:LF:Recf) (RTI)

Como se pode observar nos exemplo (190), a oração se realiza com RTD, pois o evento descrito nessa oração ocorre simultaneamente ao evento descrito na oração principal, se realizando assim como consequência necessária do evento descrito na oração nuclear. Quanto ao exemplo (191), a oração consecutiva se realiza com RTI, isso significa que o evento descrito na consecutiva não ocorre simultaneamente ao evento descrito na oração nuclear, e por esse fato, ela se realiza temporalmente independente.

Com relação ao parâmetro **Posição**, as orações com **tão** ocorreram em posição posposta à oração nuclear, como se pode observar na tabela 48.

Tabela 48: Posição – tão... que

Posição	Percentual (%)	Total
Anteposta	--	--
Posposta	100	84
Intercalada	--	--
Total de ocorrências analisadas		84

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(192) Quando ia se aproximando, sentiu uma coisa fria na garganta, uma coisa como um facão de cortar cana, **tão** grande **que** dava pra ela ver as beiradas. (19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos) (Posposta)

(193) Que aproveitou a hora da sesta dos meganhas, o meio-dia, quando o sol tá **tão** quente **que** ninguém se aventura a pôr os pés no olho da rua. (19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos) (Posposta)

As orações consecutivas com antecedente **tão** também mantêm a relação de iconicidade entre os significados de causa e consequência. No exemplo (193), o fato de que “ninguém se aventura a pôr os pés no olho da rua” vem como consequência da causa na oração principal “Que aproveitou a hora da sesta dos meganhas, o meio-dia, quando o sol tá **tão** quente”.

As orações consecutivas com o antecedente **tão** tiveram os seguintes resultados, quanto ao parâmetro **Correferencialidade do Sujeito**: em 36,91% dos dados, as orações apresentaram sujeito não correferencial, em 33,33% das ocorrências, essas orações apresentaram sujeito correferencial por anáfora pronominal, e em 29,76% dos dados, ocorreram com sujeito correferencial por anáfora zero. Como ilustrado na tabela 49.

Tabela 49: Correferencialidade do Sujeito – tão... que

Correferencialidade do Sujeito	Percentual (%)	Total
Anáfora pronominal	33,33	28
Anáfora zero	29,76	25
Não correferencial	36,91	31
Total de ocorrências analisadas		84

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(194) Mas ele se tornou **tão** popular **que** comecei a receber convites para fazer apresentações em todo o mundo. (19Or:Br:Intrv:ISP) (Sujeito não correferencial)

(195) Mas é uma história **tão** boa que é pena desperdiçá-la. (19Or:Br:Intrv:ISP) (Sujeito correferencial por anáfora pronominal)

(196) Notas lentas, aparentemente soltas, **tão** espaçadas **que** a princípio pareciam não fazer parte de melodia alguma. (19:Fic:Br:Abreu:Onde) (Sujeito correferencial por anáfora zero)

No exemplo (194) o sujeito da oração principal “*ele*” não é retomado na oração consecutiva, pois a consecutiva apresenta um sujeito distinto. Já no exemplo (195), em que o sujeito é correferencial por anáfora pronominal, No primeiro o sujeito “uma história” é retomado na oração consecutiva pelo pronome oblíquo “*la*”. Por fim, no exemplo (196), o sujeito é recuperado por meio da anáfora zero, em que “Notas” é retomada na consecutiva pela desinência do verbo “*pareciam*”.

Por fim, as orações consecutivas com antecedente **tão**, com relação ao parâmetro **Forma Verbal**, os resultados foram os seguintes: em 57,15% ocorreram com verbos finitos e em com verbos não finitos. Como se pode observar na tabela 50.

Tabela 50: Forma Verbal – tão... que

Forma Verbal	Percentual (%)	Total
Finita	57,15	48
Não finita	42,85	36
Total de ocorrências analisadas		84

Elaborado por: SOUZA, K.F. de, 2014.

Exemplos:

(197) Depois, chegou uma época que eu fiz corpo inteiro, mas eu já estava **tão** identificada com o público, **que** ele nem *cobrava* mais o padrão estético do meu corpo. (19Or:Br:Intrv:Cid) (Finito)

(198) É um sujeito **tão** acessível **que** qualquer pessoa *fica apaixonada* por ele. (19Or:Br:Intrv:ISP) (Não finito)

No exemplo (197) “*cobrava*” está no Pretérito imperfeito do indicativo. Já no exemplo (198), o verbo da oração consecutiva é uma locução verbal, formada por um verbo auxiliar “*fica*” e um verbo no particípio, “*apaixonada*”.

5.3. As orações consecutivas subordinadas e as correlativas

Como se pode observar na análise, o presente trabalho adotou a perspectiva de que as orações consecutivas também podem manter um grau de interdependência com relação à oração principal, não somente uma relação de dependência. Nesse sentido, nossa análise foi dividida entre as orações consecutivas subordinadas e as orações consecutivas correlativas. Tendo em vista esse aspecto, faremos uma comparação dos resultados entre esses dois tipos de consecutivas.

Quanto ao primeiro parâmetro, Tipo de Entidade, tanto as orações consecutivas subordinadas quanto as correlativas apresentaram tipo de entidade de segunda ordem, em sua maioria. Isso significa dizer que essas orações são entidades que designam um estado de coisas. Além disso, essas orações também apresentaram tipos de entidade de terceira ordem, e em apenas dois casos, as orações com os conectivos **de tal maneira que** e com o antecedente **tal**, ocorreram tipo de entidade de quarta ordem. Com base nos resultados dos tipos de entidade das orações consecutivas, verifica-se que a diferença entre os tipos de entidade de segunda e terceira ordem, conforme Pérez Quintero (1998) recai sobre o fato de que as entidades de segunda ordem designam um estado de coisas e só podem ser avaliados quanto sua frequência, lugar e tempo, por outro lado, e as entidades de terceira ordem designam um conteúdo proposicional e admitem uma expressão com atitude proposicional. Já a diferença entre os tipos de entidade de terceira e de quarta ordem está no fato de que as entidades de quarta ordem designam um ato de fala e admitem modificadores ilocucionários dentro da oração.

O segundo parâmetro de análise, Referência Temporal, os resultados demonstraram que essas orações, subordinadas e correlativas, apresentaram, na maioria dos dados, Referência Temporal Dependente (RTD). Os resultados apontam que essas orações tem seu tempo dependente ao tempo da oração principal, com isso, as orações apresentam uma consequência necessária ao fato descrito na oração nuclear,

Com relação ao parâmetro Posição, ambos os tipos de oração apresentaram posição posposta à oração principal. Como já dito, anteriormente, a posição da oração adverbial pode se relacionar a fatores discursivos e pragmáticos, como Figura e Fundo. No caso das orações analisadas nesse trabalho, elas revelam que a função da consecutiva é o de preencher as informações mais relevantes do discurso anterior, constituindo-se assim como Fundo. Outro fator que pode ser observado por meio da análise dessas orações é relação de iconicidade, em que essas orações consecutivas

mantêm a relação entre a causa, descrita na oração principal, seguida da consequência, na consecutiva.

Os resultados, quanto ao parâmetro Correferencialidade do Sujeito, demonstraram haver pequenas diferenças entre as orações, apresentando em sua maioria sujeitos não correferenciais. A não expressão do sujeito na oração consecutiva relaciona-se, de acordo com Gorski (2001), a dois parâmetros que são a dessentencialização, processo que está ligado à redução de orações, e ao entrelaçamento, processo de compartilhamento de elementos e não realização de elemento idêntico evidencia a ligação entre orações. Nos dados analisados nesse trabalho o resultado revela que, essas orações, em um contínuo, não estariam tão integradas, pois conforme Lehmann (1998), o controle do sujeito na oração consecutiva leva a dessentencialização, o que indicaria a integração das orações.

Quanto à forma verbal dessas orações os resultados demonstraram que a forma verbal das orações consecutivas são formas finitas, esse fato prevaleceu na maioria dos dados. Sabe-se que a forma verbal que figura na oração consecutiva está ligada a fatores como a vinculação das orações. Os verbos com morfologia verbal reduzida são responsáveis pela dessentencialização. No entanto, como foi visto em nossa análise, no caso das orações desse trabalho, a maioria apontou a finitude dos verbos. Isso levaria a crer, então, que essas orações não estão tão integradas assim à oração principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial levantada no trabalho era de que as orações consecutivas, subordinadas e correlativas, apresentariam resultados distintos quanto à integração dessas à oração principal. Entretanto, as orações se comportaram de maneira semelhante, no geral, com relação aos conectivos que as iniciam, demonstrando assim que essas orações, em um contínuo, são orações interdependentes, ou seja, estão mais próximas da correlação do que da subordinação.

Assim, quanto ao parâmetro tipo de entidade, as orações apresentaram, de maneira geral, tipo de entidade de segunda ordem. Mas também ocorreram casos com tipo de entidade de terceira ordem, e em casos reduzidos tipos de entidade de quarta ordem. Esse fato corrobora com a afirmação de Pérez Quintero (1998), que em sua análise sobre as orações adverbiais no inglês, revelaram que as orações consecutivas podem apresentar tipos de entidade de segunda ordem, quando designam um estado de coisas; orações com tipo de entidade de terceira ordem, que designam um conteúdo proposicional e orações com tipo de entidade de quarta ordem, que designam atos de fala.

Com relação ao segundo parâmetro de análise, referência temporal, as orações quase em seu total, se realizaram com Referência Temporal Dependente (RTD). Isto pode ocorrer pelo fato de que como a oração consecutiva é uma consequência do fato ou evento da oração principal, ela se realiza, conseqüentemente, com sua referência temporal dependente, já que os eventos são simultâneos das duas orações.

O parâmetro posição revelou comportamento semelhante nas orações consecutivas, de maneira geral. Essas orações ocorreram em posição posposta à oração principal, e conforme Neves (2011), as orações consecutivas tendem a manter a ordem icônica, na qual a consequência vem depois da causa. Esse resultado corrobora também com a análise feita por Fonseca (1994), em seu trabalho sobre as orações consecutivas, em que afirma que essas orações estão, geralmente, em posição posposta em relação a principal.

Esse parâmetro também se relaciona com o grau de integração das orações, e conforme Lehman (1988), orações mais restritas quanto sua posição, revelam um grau mais integrado da oração adverbial com a oração principal

O parâmetro correferencialidade do sujeito demonstrou que as orações consecutivas, em sua maioria, apresentam sujeitos não correferenciais. Com exceção da consecutiva com **de maneira que** e a consecutiva com antecedente **tanto** apresentaram, na maioria dos dados, sujeito correferencial por anáfora zero. A não correferencialidade do sujeito está ligada aos parâmetros que avaliam o grau de integração das orações. Conforme Lehmann (1988), o sujeito mais controlado na oração adverbial pode levar a oração à dessentencialização, e quanto mais controlado, mais a oração adverbial é integrada à principal.

Quanto ao parâmetro forma verbal, a análise mostrou que as orações consecutivas apresentam forma verbal finita. A análise por meio do parâmetro forma verbal revela se o verbo que figura na oração consecutiva está na forma finita ou não finita. Além disso, para medir o grau de integração da oração, esse parâmetro se relaciona com a dessentencialização e entrelaçamento das orações, conforme Lehmann (1988). Segundo Gorski, a morfologia verbal reduzida leva a dessentencialização e ao entrelaçamento, o que indica uma maior integração da adverbial com a consecutiva.

Com isso, é possível observar que a partir dos parâmetros de dessentencialização e entrelaçamento de Lehmann (1988), as orações consecutivas não apresentaram os fatores que indicam que essas orações são totalmente integradas, no contínuo de integração, elas estariam em uma posição intermediária, entre dependência e independência, elas apresentam certo grau de dependência em relação à oração nuclear. Nesse sentido, as orações se encaixariam no terceiro tipo de vinculação sintática, a correlação.

Espera-se que esse trabalho tenha trazido uma caracterização mais completa das orações consecutivas no português, e que com isso possa oferecer contribuições relevantes para o estudo dessas construções dentro da teoria funcionalista da linguagem, e, além disso, que possa servir também como base para futuros estudos que pretendam analisar as orações consecutivas em seu uso efetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Christopher S. **Structure and Function: a guide to three major structural-functional theories**. Part I: Approaches to the simplex clause. Amsterdam/Philadelphia John Benjamins Publishing Company, 2003

_____. **Structure and Function: a guide to three major structural-functional theories**. Part II: From clause to discourse and beyond. Amsterdam/Philadelphia John Benjamins Publishing Company, 2004.

BUTLER, Christopher S. & HENGEVELD, Kees (fc.), **Functionalism**. To appear in: Johannes Kabatek & Bernd Kortmann eds, *Theories and Methods in Linguistics*.

BRAGA, Maria Luiza. **Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2º sem. 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIESSEL, Holger. **The ordering distribution of main and adverbial clauses: A typological study**. *Language*, volume 77, number 2 (2001). p. 433-455.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. In: CAMPOS, O. G. L. A. S. (Org.). **Descrição do português: abordagens funcionalistas**. Araraquara São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Letras – SCL – AR, 1999.

FONSECA, Joaquim. **Pragmática e sintaxe-semântica das consecutivas**. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Porto XI, 1994, p. 7-64.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M.A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: : FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. dos S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M., CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.) **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. P. 15-89

GÓMEZ-GONZÁLEZ , María de Los Ángeles; TABOADA, Maite. **Coherence Relations in Functional Discourse Grammar**. In: J. L. Mackenzie and M. A. Gómez-González (2005) (eds.) *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne: Peter Lang. 227-259.

GORSKI, Edair. **A (não) realização do sujeito e a integração de orações**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 161-173, 2º sem. 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 2004.

HENGEVELD, Kees. The internal structure of adverbial clauses. In: DEVRIENDT, B.; GOOSSENS, L.; AUWERA, Johan van der. **Complex structures: a functionalist perspective**. Berlin; New York; Mouton de Gruyter, 1996.

_____. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN der AUWERA, J. (Ed.) **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HIRATA, Flávia Bezerra de Menezes. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. Dissertação. 231 f. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), 2001.

HIRATA-VALE, Flávia B. de M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. Tese. 149 f. (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa), 2005.

_____. **Articulação de orações no português escrito no Brasil: as orações condicionais**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 126-142, 2º sem. 2001.

KORTMANN, B. **Adverbial Clauses**. *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, 2001.p. 162-167.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. P. 181-225

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Vinculação em cláusulas adverbiais: uma análise de cláusulas finais**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 54-66, 2º sem. 2001.

_____. **Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas.**

_____. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística Funcional: teoria e prática.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse.** Amsterdam: John Benjamins, 1988.

MÓDOLO, Marcelo. **Gramaticalização das conjunções correlativas no português.** Tese. 154 f. (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Correlação: Estruturalismo *versus* funcionalismo. **(Pré) publications: forskning og undervisning** (1999). n.º. 168, februar, Romansk Institut, Aarhus Universitet, Danmark.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramaticalização e a organização dos enunciados.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2º sem. 2001.

_____. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. de Moura (org.) **Gramática do português falado.** 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. **A Gramática Funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Uma visão geral da Gramática Funcional. ALFA, São Paulo, 36: 109-127, 1994.
NEVES, Maria H. de Moura; BRAGA, Maria Luiza. **Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição.** DELTA, vol.14, special issue, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Taísa Peres. **As conjunções e orações condicionais no Português.** Tese. 170 f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), 2008.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. **A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 119-125, 2º sem. 2001

PÉREZ QUINTERO, M. J. **La subordinación adverbial em Inglês: um enfoque funcional**. La Laguna, 1998, 445 f. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa) – Facultad de Filología – Universidad de La Laguna.

SWEETSER, E. E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, LEONARD. 1978. **Figure and ground in complex sentences**. Universals of human language, vol. 4, ed. by Joseph H. Greenberg, Charles A. Ferguson, and Edith A. Moravcsik, 625–49. Stanford: Stanford University Press.

THOMPSON, Sandra A.; LONGACRE, Robert E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) **Language typology and syntactic**. Complex constructions. v. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.